



O RETORNO

Obra de Irmã Luzia

Psicografado por Walmira Jose Theodoro

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

*“O amor não prende, liberta!
Ame porque isso faz bem á você, não por esperar algo em troca.
Criar expectativas demais pode gerar decepções.
Quem ama de verdade, sem apego, sem cobranças, conquista o carinho verdadeiro
das pessoas.”*

Chico Xavier

Índice:

Capítulo I – O começo	04
Capítulo II – O casamento	08
Capítulo III – O nascimento	10
Capítulo IV – As mudanças	13
Capítulo V – O namoro	20
Capítulo VI – O noivado	27
Capítulo VII – A verdade	36
Capítulo VIII – A revelação	43
Capítulo IX – O perdão	47
Capítulo X – Ana Clara	50
Capítulo XI – Encerramento	53

Capítulo I – O Começo

Em 1863 nascia uma linda criança na província de Lisboa. Seu nome é José. Iluminada por seu saber e por estar adiante de seu tempo. Aos 4 anos José já sabia coisas que os demais aprendiam aos 10 anos.

Dedicava-se em ajudar o pai nos serviços simples da oficina. Seu pai, sapateiro conhecido na região, era simples, austero, mas de bom coração. Ensinava tudo o que sabia a José com muito amor e carinho. Sua mãe, uma simples dona de casa, religiosa, mas de coração duro.

Ambos tinham em José a aposta de que seria a ascensão da família. Depositavam na criança muitos sonhos diante das ações inteligentes dele. Sempre sabia o que dizer e como agir diante de todos os demais. Sempre cumprimentando com um doce sorriso e educação, independente da idade e condições sociais.

José acreditava ser tão bom sapateiro quanto o pai. Cresceu dedicando-se a profissão.

Um dia, quando tinha 10 anos, sua mãe teve uma forte dor no peito, algo como um infarto, e então levando, naquele dia, José e seu pai a conheceram o medo e a angústia.

Sua mãe ficou muitos dias acamada. Sempre que pensava em levantar-se, por medo, José e seu pai não permitiam. Até que um dia, quando ambos saíram da casa, Sarah, mãe de José, levantou-se e foi cuidar da casa. Estava cansada de ficar deitada.

Sarah foi limpar a casa, porque achava que ninguém faria melhor que ela, e foi fazer o almoço da família. Acreditava que era a sua obrigação, uma vez que ambos trabalhavam duramente confeccionando e consertando sapatos e cintos.

Em 1877, já com 13 anos José era responsável por boa parte dos serviços da oficina. Já era capaz de cortar o couro na forma ideal dos bons sapatos. Seu pai, orgulhoso do filho, aceitava muitas encomendas vendo sua vida prosperar. O menino tinha talento no ofício e com os fregueses.

Vendo o progresso Pedro já pensava em expandir abrindo outra sapataria do outro lado da vila e fazer seu filho responsável.

Um dia, pai e filho, trabalhavam seriamente quando escutaram barulho estranho, algo como um estrondo. Correram para dentro da casa, aos fundos da oficina, e se depararam com Sarah caída ao solo. Desesperados, saíram pelas ruas pedindo ajuda, mas era tarde. Sarah já havia sucumbido. Não resistira.

Depois desse dia pai e filho começaram a entristecer. Já não se alimentavam direito, uma vez que era Sarah quem fazia e servia as refeições e sem a mãe e esposa amada não havia quem o fizesse.

O lar, que até então era um ambiente de amor e harmonia, passou a ser sombrio e de tristeza apenas.

Pedro, pai de José, decidiu então, que deveria desposar-se novamente na esperança de trazer de volta grandes momentos em família.

Aos domingos de manhã mantinham o ritual de irem a missa, exigência de Sarah quando em vida. A cada domingo Pedro buscava uma nova consorte. A cada moça escolhida pai e filho comparavam com Sarah e não conseguiam decidir, ainda que houvesse muitas candidatas.

Um dia, porém, uma linda senhora, de olhar doce, atitudes de dama fina, muito bem vestida, destacando-se na multidão, lhe chamou a atenção. Sem pensar Pedro seguiu em sua direção. Usando de toda a educação e cordialidade apresentou-se.

Seu coração encheu-se de alegria e esperança diante do receptivo sorriso da moça. Pedro Apaixonou-se perdidamente por Ana Clara. Rosto alvo, com pequeno rubor nas faces, olhos castanhos profundos e cabelos claros como um trigo. Emocionado apresentou-se a jovem perguntando:

- Meu nome é Pedro, comerciante. Nunca vi tamanha beleza por aqui, onde vive?

Ana Clara sorriu timidamente, estendendo timidamente a mão, apresentando-lhe esta para o cortês e costumeiro gesto de apresentação da época, diz:

- Sou Ana Clara, da cidade do Porto. Estou aqui a passeio na casa de uns parentes.

- Conheço quase todos da vila. Se me disserdes quem são terei o prazer em conduzi-la até eles.

- Família Pereira, aqui próximo.

Seguiram lado a lado trocando poucas palavras.

Os tios de Ana Clara a receberam com muita alegria e com ares de preocupação.

- Estávamos preocupados, disse a tia. Não Conheces a vila e podia perder-se. Que bom que encontrou o senhor Pedro.

E rapidamente adiantaram-se em abrir caminho para que ambos entrassem.

- Entrem, disse o tio Lucio. Por favor, sente-se senhor. Não repare em minha humilde casa. Vamos entrando.

Seguiram para uma pequena saleta com algumas cadeiras, e acomodaram-se. Rapidamente Maria, tia de Ana Clara, seguiu para a cozinha para fazer um chá e servir aos demais.

Nesse tempo Pedro adiantou-se em dizer sobre a moça e a alegria em conhecê-la. Nunca havia visto tão bela senhorita em todo o vilarejo. Ao que Lucio sorriu dizendo que tratava-se de uma sobrinha da esposa. Filha da irmã de Maria.

Vera, a mãe da moça, havia falecido fazia dez anos e a moça ficou sob a tutela do pai. Este adoeceu muito nos últimos três anos e Ana Clara cuidou dele até seus últimos dias com carinho e dedicação não podendo, com isso, casar-se. Com a morte do pai os tios a convidaram a morar na vila com eles.

- Mas casar-se? A moça ainda é menina! Disse Pedro curioso em descobrir a idade da jovem que não aparentava nada além de dezoito anos.

- Ela já conta com vinte e cinco anos e o senhor sabe que em nossa sociedade ela não arruma bom casamento com essa idade.

- Pensei que a moça tivesse dezoito anos. Com uma beleza como essas facilmente encontrar pretendentes.

Percebendo o interesse do comerciante, Lucio não pensou duas vezes em arrumar um bom casamento a sobrinha, motivo de vergonha da família, e ainda beneficiar-se com isso.

Quando Vera chegou com o chá para servir, Lucio viu a chance de entrar no assunto.

- O senhor parece interessado em Ana Clara. Se quiser as mulheres podem deixar-nos e conversamos sobre o assunto. Que me diz?

Pedro, entre a vergonha a alegria, sorriu para a moça perguntando o que ela pensava.

Lucio interveio dizendo que na ausência dos pais e dono da casa, sentia-se responsável pela felicidade e bem estar de Ana Clara. Pedro disse gentilmente:

- Desculpe-me senhor Lucio. Concordo com vossa senhoria, mas acredito ser importante que ela opine. Não quero ter como madrasta de José alguém que não lhe de amor.

Ana Clara sorriu não contendo a felicidade ao ser tratada com respeito, apesar de sua condição de mulher solteira ainda, e disse docemente:

- Sei que vou amar José se ele for tão bondoso quanto o pai.

Em seguida levantou-se dizendo ao tio:

- Sairei para que decidam os detalhes de meu futuro com o senhor Pedro.

Seguida pela tia saíram rumo a cozinha. Ana Clara, entre nervosa e feliz por conhecer um homem aparentemente importante e ver-se em condições de sair da casa dos tios, onde se sentia um peso.

A tia, seguindo-a e abraçando-a carinhosamente, diz:

Você deu sorte!! Ele é um viúvo com posses. Vai te fazer feliz! Terá tudo o que deseja. Ele irá trata-la como uma rainha. Precisamos apressar o casamento para resolver sua vida.

Por seu lado Lucio, vendo ali um bom negócio, diz ao comerciante:

- Contente! A moça parece ter se encantado. Ela não é nenhuma moça e o senhor esta solitário faz um bom tempo. Devemos aproveitar para acelerar esse casamento. Não a porque demorar.

Pedro, espantado com os dizeres de Lucio, responde:

- Estou feliz, mas gostaria de conhecer um pouco mais a ela e mostrar-lhe, junto com os senhores, minha casa e meu filho para que ela se certifique que é o que deseja.

- Pois muito bem! Amanhã iremos a sua casa para um almoço celebrar o novo casal.

Pedro estava tão feliz em ver ali a possibilidade de um bom relacionamento que não quis retrucar.

- Tudo certo. Amanhã almoçaremos em minha casa.

No dia seguinte, na hora aproximada do almoço, bate a porta de Pedro, senhor Lucio, esposa e Ana Clara.

Alegre, Pedro atende a porta a mesa posta.

A casa, ao fundo da oficina, oferecia uma ampla sala com cadeiras revestidas em couro e almofadadas, uma pequena mesa ao centro e sobre ela um vaso com algumas flores do campo. De onde estavam viam uma sala de jantar com uma mesa posta para a refeição e a cozinha ao longe.

Após os respeitáveis cumprimentos, todos se acomodaram e Pedro, ansioso, adiantou-se em perguntar se Ana Clara gostava da sua humilde moradia.

Ana Clara, encantada com tamanha casa, com riquezas de detalhes e enfeites, diz:

- Sua esposa teve muita sorte em ter tão bom marido.

- Muitos detalhes são gosto dela, mas também gosto de conforto e bem viver. José está a entregar uma encomenda e em breve chegará. Já falei a ele sobre a senhorita. Ele está ansioso em conhecê-la.

Minutos após adentra José. Um jovem rapaz, muito parecido com o pai, sorriso simpático, adiantou-se em apresentar-se:

- Sou José, seu criado. Meu pai falou sobre a senhorita com tamanha alegria que não via a hora de conhecer a pessoa que lhe devolveu o sorriso.

Capítulo II - O Casamento

Foi marcado o dia do noivado do casal. Feliz, Pedro pediu que se fizesse um delicioso almoço e convidou alguns parentes. José mostrava-se alegre e a cada dia sentia mais confiança em Ana Clara.

Os tios de Ana Clara, por sua vez, queriam antecipar ao máximo o casamento. Em breve a moça faria 25 anos e sugeriram a data como o dia das bodas. Ela concordava de pronto com as imposições dos tios em que ela deveria casar-se com Pedro o mais breve possível.

Ana Clara mantinha-se tímida. Conversava muito com José. Afeiçoara-se ao jovem assim que o conheceu. Como fizesse anos que se conhecessem.

No dia do noivado Pedro anunciou que em breve se casariam. Seria um presente de aniversário para a moça, a quem já se mostrava muito apaixonado.

Um dia, pouco antes do casamento, um amigo lhe perguntou porque casar-se-ia num período tão curto entre conhecer a moça e aqueles dias.

- Afinal, meu amigo Pedro, você a conheceu há um mês e já está de casamento marcado!!

- Por que deveria demorar-me, arguiu Pedro. Somo adultos e sabemos o que queremos. Não queremos solidão porque já a conhecemos.

E a todos respondia isso. Alguns concordavam outros, entretanto, estranhavam a moça não desejar uma festa ou cerimônia melhor, ou conhecer melhor o noivo. A tudo que Pedro fazia, Ana Clara, uma jovem com mais de dez anos de diferença de Pedro, concordava.

Chegado o dia do matrimônio todos estavam ansiosos e curiosos. Os amigos mais céticos apostavam em que ela não aguentaria. Jovem e bonita em breve iria se aventurar com algum rapaz.

No dia Ana Clara vestiu-se lindamente. Pedro não poupou um centavo sequer. Mandou confeccionar um lindo vestido azul, que contrastava com sua pele

alva. Quando adentrou na pequena capela Pedro sentiu orgulho e uma ponta de ciúmes ao ver como a moça ficara ainda mais linda e jovial.

Durante a cerimônia não tirava os olhos dela. Pensava o que a moça teria visto nele que a fez aceitar prontamente casar-se com um homem bem mais velho, acabado pelo excesso de trabalho e tristeza da morte de Sarah.

Ao findar o casamento foram para casa. Pedro havia, junto com José, limpado e reformado a casa. Ana Clara maravilhou-se com o que via. Seus olhos brilharam de alegria.

- Que linda casa vocês me deram! Finalmente terei um lar.

Pai e filho se entreolharam felizes por haverem agradado a moça. Ana Clara foi para os aposentos do casal. Lá encontrou uma muda de roupas e sapatos novos, presente do marido. Tirou seu lindo vestido, guardou-o com carinho, escolheu uma roupa mais simples e saiu pronta para assumir os cuidados da casa. Surpresa encontrou pai e filho esperando sentados na pequena saleta e seguiram para a sala de refeições com tudo pronto.

- Nunca fui tão bem tratada em minha vida! Exclamou em lágrimas de felicidade.

Após a refeição José brincou:

- Agora vocês podem se retirar. Meu presente de núpcias será cuidar da limpeza da louça. Amanhã acabará o sonho e a senhora ficara responsável por esses serviços de mulher.

Todos riram e enquanto o casal seguia para o quarto, José cuidava da cozinha. Após limpar tudo o jovem retirou-se para dormir na oficina. Queria começar cedo, afinal cuidar de tudo para o casamento do pai atrasou algumas encomendas. Também não queria constranger o casal em sua primeira noite juntos.

No dia seguinte José acordou cedo, fez um delicioso desjejum, comeu e foi trabalhar. Quando o casal despertou o moço já havia adiantado bem o serviço na oficina.

O pai sorriu orgulhoso e disse a jovem esposa:

- Espero que tenhamos um filho tão bom quanto meu José. Você é jovem, vou morrer muito antes de você, José vai casar-se em dois ou três anos e não quero que fique sozinha. Quero dar toda a segurança a minha querida esposa.

Ana Clara sorriu afetuosamente em agradecimento ao marido.

Após fazerem a refeição matinal Pedro seguiu para ajudar o filho e a esposa a cuidar da casa.

Feliz com tudo o que acontecia, Ana Clara só agradecia a Deus o quanto sua vida mudou para melhor. Nunca sonhou encontrar um homem tão apaixonado e

bom. Nem pensou em ser recebida com carinho pelo enteado. Temia por seu futuro. Agora só faltava o pior: dizer a Pedro sobre seu passado e seu segredo. Sim, porque um dia ele descobriria.

Os dias foram passando e a moça começava a apresentar indisposição. Esforçava-se em levantar e manter tudo funcionando, mas era em vão. Diversas vezes os homens chegavam para almoçar ou jantar e a jovem estava deitada, pálida e dizia-se doente.

Um dia Pedro decidiu leva-la a um médico. Após meia hora de conversa o doutor chamou-o para dar seu diagnóstico: a moça estava grávida.

Pedro não se continha de felicidade. Não cabia mais nada e sua vida. Estava completa.

Pedro e José se revezavam em ajudar Ana Clara com os afazeres. Às vezes ela recusava, mas não tinha forças para fazer tudo sem ajuda.

Várias vezes Ana Clara tentava começar uma conversa com Pedro, mas não concluía. Queria dizer-lhe algo importante, mas temia a reação do marido. As vezes por amor e carinho a ele. Às vezes por temer sua reação.

Capítulo III – O nascimento

Pedro, Ana Clara e José viviam em clima de harmonia. Ela cuidava da casa e cozinhava com amor. Era só alegria o lar.

Com o passar dos dias a barriga de Ana Clara aumentava, suas roupas começavam a ficar apertadas. Pedro, feliz com o que via, não pensou duas vezes em comprar tecidos e mandar que se fizessem roupas novas a esposa amada.

Meses depois nasceu a criança. Ana Clara trouxe a luz uma linda menina. Foi recebida com muito carinho por todos da família. O que sempre faltou na vida de Pedro. Sempre desejou um casal de filhos, mas Sarah só pode dar-lhe José.

Após o nascimento do menino Sarah teve problemas no útero e não mais gerou bebês. Pedro nunca se queixou. Dizia-se feliz por ter o filho, seu grande companheiro e amigo, mas Sarah sentia-se culpada por não ter uma menina. Pedro estava tão feliz que nunca questionava nada. Apenas cuidava de encher a esposa e o filho de mimos.

Ana Clara se desdobrava em cuidados com sua pequenina e a casa. Com carinho escolheu o nome de Mariana, em uma pequena homenagem a Maria, mãe de Jesus.

Agradecida pela vida que levava Ana Clara, seguida pelo marido, enteado e Mariana nos braços, nunca faltava a um culto dominical. Durante a missa rezava fervorosamente pedindo forças para contar seu segredo ao esposo, mas temia que sabendo de seu passado deixaria de trata-la com o mesmo amor dedicado então.

José apenas pensava em trabalhar e sonhava um dia ter uma família tão linda e feliz como o pai. Amava a Madrasta e a irmã.

Batizaram a pequena Mariana. Linda, esperta e de olhos brilhantes, Mariana era a alegria da família e detinha toda a atenção dos moradores. Os parentes e amigos foram ver a criança. Alguns por curiosidade, outros para presenteá-la e abençoá-la.

Passaram-se os anos e José, já um rapaz de então 21 anos, começava a chamar a atenção das moças da região. Jovem bonito, carinhoso, trabalhador e caseiro, era motivo de disputas entre as moças solteiras. Esperavam Pedro ausentar-se a tarde para seu costureiro cochilo para trazer pequenos serviços para a oficina.

Por vezes faziam questão de desfazer uma peça e levar para o moço consertar. Com olhares de cobiça, apresentavam o serviço e tentavam puxar assunto.

José sempre ocupado com o serviço, apenas dava atenção ao que era para consertar sem sequer perceber ao que as moças lhe diziam. Algumas foram perdendo o interesse acreditando que ele já tinha uma eleita. Outras persistiam, pois sentiam-se triunfantes a cada uma que desistia.

Um dia Ana Clara foi chama-lo para almoçar e percebeu que uma jovem cliente quase pulava sobre o balcão para aproximar-se de José. Voltou silenciosamente para não a constranger. Quando percebeu que a moça saíra da oficina foi falar com José a sós:

- José quantos anos você tem?

- A senhora sabe, fez um bolo em meu aniversário. Alias um delicioso bolo como sempre. Nunca tenho palavras para agradecer. Tem sido uma verdadeira mãe para mim.

- Obrigada José. Isso já foi mais do que esperava ouvir de você. Faço de tudo o que posso por você e seu pai porque tenho muito a agradecer. Deram-me algo que nunca tive até conhecê-los: um lar.

- Seus tios disseram que veio morar aqui porque seu pai havia morrido e estava sozinha em sua cidade. Não tinha com ele uma casa?

- Sim, tínhamos uma casa que eu cuidava todos os dias, mas nunca tive um lar. Minha mãe nunca me deu o carinho que esperei, apenas exigia que eu

aprendesse a ser uma dona de casa para casar-me o mais rápido possível. As vezes penso que ela me odiava. Quando ela morreu pensei que teria paz, afinal já sabia cuidar de uma casa e meu pai passava o dia trabalhando no banco, mas as coisas não aconteceram como eu esperava. Meu pai jogava toda a sua ira sobre mim. Mas não foi sobre isso que vim conversar. Vim falar sobre você: já esta um rapaz, é bonito, trabalhador e as moças parecem estar interessadas em você.

José sorriu sem graça e disse:

- Qual nada. Acredito que as moças nem me enxergam. Sou pobre. Existem rapazes melhores para casar na vila.

- Não é o que vejo, José. Vejo as moças comparecerem na oficina qual a procissão e trazer pequenos serviços, por vezes procuram coisas para você fazer onde não há, para poderem chegarem perto de ti.

- Pensando assim começo a pensar, mas vou observar para não passar vergonha. Creio que o movimento tem aumentado no período da tarde, mas acredito que seja apenas porque no período da manhã elas tem outros afazeres.

- Você é um jovem trabalhador e inocente, disse Ana Clara com um leve sorriso. Tem toda a atenção no trabalho e não consegue enxergar o que ocorre ao seu redor. De hoje em diante preste mais atenção no movimento da oficina. Agora vamos almoçar porque seu pai esta nos esperando.

Estranhando a demora de ambos na oficina, Pedro logo pergunta quando ambos entram na casa:

- Por que demoraram? Pensei que não viriam mais. Estou faminto!

Ana Clara respondeu com um sorriso malicioso ao marido:

- Pedro, José atendia umas lindas jovens e não quis interromper.

O jovem enrubesceu na hora

- Ana Clara disse que as moças têm vido trazer serviços porque estão interessam em me ver, mas não creio nisso.

Pedro ficou perplexo, calado por alguns minutos como que fazendo contas e concluiu:

- Acredito que esteja certa. Somos homens e não observamos isso, mas o movimento da oficina mudou e muda. Antes apareciam alguns serviços ao longo do dia, agora tem vindo muitas clientes no período da tarde, horário que venho repousar.

Pedro soltou uma gostosa gargalhada fazendo seu filho ficar mais vermelho ainda e disse:

- Vamos filho, já está em idade de me dar uma nora e netos. Comece a observar as moças e escolha uma para sua esposa. Espero que tenha a mesma sorte que eu. Tive duas excelentes esposas: sua mãe e Ana Clara.

Capítulo IV – As mudanças

Após esse dia José passou a observar o movimento da oficina, as palavras das jovens clientes e os olhares de seu pai. Dentre todas, nenhuma lhe chamava a atenção. José nada sentia pelas moças e seu pai começava a perder a esperança em ter netos para alegrar a casa e brincar com Mariana.

Um dia Ana Clara queria fazer uma roupa para Mariana para aprender a costurar e pediu a José que fosse comprar o tecido. Chegando ao armazém José entregou o pedido da madrasta ao dono do estabelecimento. O homem então pergunta:

- Qual a cor do tecido e quantos metros precisa, meu jovem?

- Não sei. Minha madrasta quer aprender a costurar e pediu que eu comprasse o tecido para fazer um vestido para minha irmã.

- Poderia me dizer a idade e o tamanho de sua irmã?

- Ela é uma linda garotinha de 6 anos e deve ter algo em torno de um metro de altura.

O dono do estabelecimento tinha experiência e foi logo apresentando o tecido que achava cabível a uma criança e sugeriu a metragem a ser levada.

- Agradeço sua ajuda. Entendo bem de meu ofício, mas nada sei sobre tecidos e vestidos.

- Você é José, o filho de Pedro o sapateiro, certo?

- Sim senhor, como sabe?

- Conheço bem seu pai. Somos amigos de muitos anos. Sempre o admirei e a esposa, sua mãe. Como está ele com a jovem esposa?

- Estão bem. A senhora Ana Clara tem feito meu pai um homem feliz. É uma ótima dona de casa.

- Fico feliz em saber isso. Muitos apostaram que esse casamento não daria certo.

- Apostaram?

- Sim, apostaram, mas perderam. Pedro parece mesmo feliz. Vejo-os na missa de domingo. Ele não vê nada além da jovem esposa e a menina. Aqui está o que pediu.

José pagou pelo produto e saiu triste pela conversa com o dono do armarinho.

- Apostar? – pensava ele. Por que apostar? Aqueles pensamentos e a conversa pareciam ecoar em sua cabeça até chegar a casa.

Percebendo algo de estranho, Ana Clara foi ao seu encontro perguntando-lhe:

- Que foi meu filho? O dinheiro não bastou? Não tinha o que lhe pedi? O dono do armarinho faltou-lhe o respeito?

José olhou com compaixão para a madrasta, uma jovem senhora doce, meiga, sempre carinhosa nas palavras e não teve coragem de dizer-lhe o que acabara de ouvir. Em poucas palavras disse:

- Estou sentindo uma ligeira dor de estômago. Vou me deitar.

José adentrou em seu quarto, deitou-se e começou a chorar em silêncio. Nunca tinha se deparado com o veneno e a maldade das palavras ferinas até então. Adormeceu com a dor e a tristeza. Acordou com o toque carinhoso de seu pai:

- Esta se sentindo melhor, filho? Precisa de algo?

José levantou-se, abraçou fortemente o pai e beijando-lhe a face disse:

- Amo muito vocês. São as pessoas mais maravilhosas que conheço. Estou melhor. Vamos trabalhar, disse sem se dar conta de que já era noite.

A madrasta havia pedido a Pedro que o chamasse para jantar, pois estava preocupada com o rapaz, e assim o fizeram recolhendo-se logo após.

Num dia José saiu para uma entrega de encomenda em um bairro afastado onde os moradores tinham uma situação financeira melhor. Lá chegando encontrou facilmente o endereço. Uma linda mansão. Rapidamente passou-lhe um pensamento:

- Nossa fama esta tão boa assim? Quem seria a família que habitaria aqui?

Aproximou-se do portão com cautela, afinal não sabia como fazer para chamar os donos da casa. Entre os enormes portões de ferro e a porta de entrada da casa havia uma boa distancia. Certamente ninguém ouviria seu chamado a essa distancia. Quando se encostou nos portões dois enormes cachorros vieram a seu encontro . Pareciam feras incontroláveis. Logo atrás surgiu um senhor em boas roupas, semblante sério e passos lentos. A certa altura dignou-se a falar em tom firme e alto:

- O senhor deseja algo?

- Sim, sou José, sapateiro da vila. Vim entregar uma encomenda.

- Um momento que vou certificar-me e já volto.

Passada quase meia hora o senhor volta lentamente escoltado pelos cães:

- Vou prender os cachorros e volto para buscar lhe.

Voltou sozinho, abriu um dos portões e acenou para que José entrasse. Caminharam lentamente e em silêncio até a casa. O homem o conduziu para os fundos da casa.

- Os empregados entram por aqui, por gentileza.

José nada dizia, apenas o seguia e atendia a suas ordens imaginando aquele homem soltando os cachorros em sua direção. Entraram numa enorme cozinha de pedras, com um fogão a lenha cheio de panelas cheias de alimentos fumegando. Uma mesa em que deveria caber tranquilamente vinte pessoas, bancos dos dois lados, pessoas andavam freneticamente carregando alimentos e animais mortos para cozinhar. Parecia que se faria um banquete em breve. Panelas enormes, muitos pratos e talheres, e duas jovens adolescentes limpavam e lavavam tudo o que era deixado sobre a mesa. José ficou hipnotizado com a cena por alguns minutos. Quando foi chamado a realidade pelo senhor que o conduzia.

- Senhor José, queira acompanhar-me, por gentileza.

Atravessaram a cozinha. José tentando desviar-se de tudo e de todos. Quando chegaram ao lado oposto da cozinha pararam e o homem disse-lhe:

- Não faça perguntas e responda apenas ao que lhe perguntarem.

Adentraram numa sala onde uma senhora de rosto redondo e rosado, sorridente, o atendeu.

- Você é famoso sapateiro da vila? É muito jovem para tamanha fama. Dê-me a encomenda que vou levar para a senhorita experimentar e já retorno. A festa será amanhã a noite, caso haja problemas teria como o senhor ajustar?

- Sim senhora! – respondeu com voz tremula.

A senhora sumiu por um corredor, voltando acompanhada de uma moça. A jovem deveria ter aproximadamente dezesseis anos, olhar tímido, mas brilhante, falava baixinho. A senhora fez as apresentações:

- Este é Jonas, o mordomo, sou Irma, a governanta e acompanhante da senhorita Beatriz. Ela esta encantada com a encomenda e fez questão de vir agradecer-lhe pessoalmente. Beatriz dirigiu-lhe um olhar doce:

Obrigada senhor José. Há anos tenho problemas com meus pés. Já comprei sapatos em diversos lugares do mundo, mas nenhum tão confortável. Tenho pés sensíveis, todos os calçados parecem apertar e machucar. Às vezes meus pés se enchem de bolhas. Quando me falaram sobre seus sapatos, mesmo

incrédula, resolvi experimentar. Eles ficaram perfeitos e confortáveis. O senhor é um gênio!

Obrigado senhorita! Aprendi o ofício aos dez anos. Meu pai é bom mestre. Devo a ele meus conhecimentos. Mandaram-me apenas um par de sapatos usados da senhorita e procurei moldar respeitando onde percebia as curvas de seus pequenos pés.

- Ficaram perfeitos! Gostaria de ter tempo para encomendar outros, mas como percebe estamos ocupados com uma festa que meus pais irão fazer amanhã. Na próxima semana marcaremos um dia para o senhor vir.

Beatriz estendeu delicadamente sua mão direita:

- Obrigada!

José ficou sem jeito por não saber como comportar-se, olhou de relance para o mordomo, tomou a mão da jovem com delicadeza, beijou e despediu-se. A senhorita saiu pelo mesmo corredor que veio e o mordomo o conduziu a realidade.

Atravessaram novamente aquela enorme e tumultuada cozinha, voltaram para os portões e quando já ia sair o mordomo disse-lhe:

- O senhor é afortunado. Dona Beatriz nunca fala com serviçais. Seja sempre um bom profissional e cavalheiro, porém mantenha-se no seu lugar. Ela está acima de seu nível e já está de compromisso marcado. Na próxima semana iremos avisar-lhe sobre o dia que deva vir.

José saiu ainda inebriado com tudo o que viu e passou. Parecia estar vivendo em outra realidade. Nunca conhecera nada além de sua vila. Tudo foi novidade. Não via a hora de voltar para casa e contar a todos.

Dias depois Beatriz foi à sapataria. Uma linda carruagem parou diante da sapataria atraindo a atenção de todos do local. Dois cavaleiros desceram e em gestos estudados e muita reverência abriram a pequena porta lateral, desceram um degrau e estenderam a mão a uma delicada figura feminina.

Quando viu, José custou a acreditar que uma moça tão refinada aparecesse diante de seu comércio tão humilde. Beatriz, acompanhada de Irma, adentrou a pequena sapataria e logo foi perguntando:

- Lembra-se de mim?

- Sim senhora. É muita honra recebê-la em minha sapataria. Pensei que fosse pedir que eu fosse em sua casa.

- Sim, ia fazê-lo, mas pensei melhor em vir ver se tinha algo ou algum modelo diferente de sapato.

Oferecendo uma cadeira a cada uma das senhoritas, José disse:

Então a senhorita gostou de meu trabalho? Fico feliz com isso. Os trabalhos que tenho aqui, na maioria, são reparos. Pouco tempo tenho para confecção, mas posso mostrar-lhes alguns. Só não sei se será de seu agrado, afinal a senhorita conhece sapateiros do mundo todo.

Beatriz sorriu e respondeu:

- Se vim é porque seu trabalho me agradou. Desejo beleza e conforto. Se não tiver nada belo. Posso enviar-lhe alguns modelos e o senhor os faz para mim.

- Poderei fazê-los, mas irei demorar a entregar. Não vou prometer coisas que não posso cumprir. Depois perderei boa clientela se não atender vem a todos.

- Podemos nos unir. Se conseguir fazer-me um sapato por quinzena em breve poderá abandonar sua pequena sapataria e trabalhar apenas para pessoas que podem pagar mais. Garanto-lhe uma freguesia melhor.

- Não sei, preciso falar com meu pai. Ele é o dono do local.

- Façamos o seguinte: fiz minha proposta. Pense sobre ela. aguardo sua resposta. Tenha um bom dia.

- Conversarei com meu pai e irei dizer-lhe nossa decisão. Tenha um bom dia as senhoritas também.

Beatriz agradeceu e saiu sem fazer qualquer encomenda. Entrou na carruagem e saiu.

José ficou pensativo, hipnotizado com a beleza, frescor e perfume de Beatriz. Sua madrasta, mulher de cidade grande, viu toda a cena sem nada dizer. Quando a jovem saiu aproximou-se de José e disse:

- José, sabe que tenho grande apreço por você. Recebeu-me com carinho, tenho-o como um filho. Dentre todas as coisas que gostaria de dizer apenas vou falar isso: não se deixe seduzir pela ambição. Ela é perigosa e destrói famílias e pessoas.

Dizendo isso deu-lhe um carinhoso beijo na face e entrou na casa. José ficou mais perdido ainda. Precisava dos conselhos do pai urgentemente, mas ele havia ido buscar material de trabalho.

A noite, quando Pedro chegou, José esperou que eles conferissem o material, o pai tomar banho e após o jantar disse:

- Tenho uma coisa a dizer-lhe: Lembra-se da encomenda que recebemos da mansão? Aquela moça de que lhe falei, Beatriz, esteve aqui hoje e me fez uma proposta: se eu lhe fizer um sapato por quinzena, ela trará os modelos, vai apresentar-nos a suas amigas como clientes.

Nesse momento Ana Clara levantou-se recolheu a mesa, pegou Mariana e retirou-se. Isso era conversa de pai e filho. Pedro permanecia de cabeça baixa ignorando a movimentação da esposa.

- Filho, começou ele, estamos aqui há anos, temos tradição e boa clientela. Pensei em abrir outra, mas não conseguimos cuidar de todo o serviço aqui. Imagine aceitarmos mais! Você é um excelente profissional, melhor que eu, mas e se não conseguirmos atender nossos antigos clientes e esse pessoal da alta sociedade?

- Ela disse-me que teríamos que trabalhar exclusivamente para os amigos dela.

- Isso me assusta mais. Essas pessoas dispensam rapidamente o que não lhes interessa: sejam objetos, sejam pessoas. Quando não fizermos mais o que desejam irão nos desprezar e teremos que começar do zero, refazer clientela e já estou velho para isso.

- Mas teremos ganhado muito dinheiro e fama. Poderemos começar em outro lugar! Com o que ganharmos poderemos comprar coisas novas e contratar ajudantes.

- Filho, estou assustado. Você tem o olhar da ganância. Vamos dormir e pedir a Deus que nos oriente.

Evitando qualquer problema ambos foram para seus respectivos quartos.

Nessa noite José sonhou com roupas boas e caras, luxo, os bolsos cheios de dinheiro, presentes para Mariana, Ana Clara com lindas roupas, melhores que as que possuía quando casou-se com seu pai. Muito luxo e fartura. Em meio a isso viu uma mulher sentada num banco com o rosto encoberto por suas mãos. Parecia chorar. Aproximou-se na intenção de ajudar-lhe acreditando ser uma jovem necessitada de dinheiro, afinal usava roupas simples.

- Moça posso ajudar-lhe?

Quando a jovem descobriu o rosto e olhou para ele, viu que era sua mãe, Sarah, que chorava. Levou um choque e acordou chamando pela mãe.

Quando saiu do quarto, Ana Clara perguntou se estava tudo bem, afinal assustou-se com seu grito. José respondeu que sim, mas precisava conversar com o vigário, depois tomaria o desjejum.

Depois de muito conversar com o pai José resolveu ir à mansão e saber os detalhes do que pensava a Beatriz e sua família. Novamente passou pelo crivo do mordomo antes de poder entrar na mansão.

Nesse dia tudo estava calmo. Apenas a movimentação normal da cozinha. As duas moças prosseguiam apoiando os serviços de uma cozinheira: cortavam, lavavam e limpavam tudo. Todas perceberam a presença do rapaz. A

cozinheira reprovando uma pessoa estranha sujando a cozinha e as jovens interessadas no lindo rapaz estranho. José e o mordomo atravessaram, José apenas acenando com a cabeça em cumprimentar as mulheres ali presentes, e o mordomo ignorando-as. Ao chegar ao outro lado da porta o mordomo mandou-o esperar.

Chegaram a pequena antessala um homem de seus 40 anos e a jovem Beatriz.

- Este é o jovem de quem lhe falei papai. Um gênio! José é seu nome.

- Muito prazer meu rapaz. Vejo que é um bom profissional. Estava apreensivo, pois chegava o dia da festa da minha filha e não conseguíamos um bom sapateiro. Costureiras e camareiras têm aos montes, mas os delicados pés de minha filha reprovam todos os sapateiros do mundo. Ficamos felizes em ver que ela estava bem no dia seguinte à festa. Apenas encomendou o sapato sem experimenta ou ir para o senhor moldar. Realmente impressionante.

- Obrigado senhor. Meu pai é um ótimo profissional e ensinou-se o que sei. Busco apenas aperfeiçoar-me sempre.

- Meu nome é Ricardo e soube que minha filha fez-lhe uma proposta.

- Sim, senhor Ricardo. Quis vir pessoalmente para conversar com o senhor e saber detalhes do que pensam. Antes de vir aqui conversei muito com meu pai.

- O que minha filha lhe disse?

- Ela propôs-me que eu faça-lhe um sapato por quinzena e em troca me apresenta clientes do nível dos senhores.

- O que pensa sobre isso?

- Meu pai e eu não sabemos se conseguiremos atender se houver muitos pedidos. Também nos preocupamos com os modelos. Pessoas como os senhores podem comprar muitos sapatos, mas não gostam de usar todos iguais. Outra preocupação seria contratar pessoas que não consigam manter a boa qualidade.

- Entendo suas preocupações e concordo com elas. Minha filha fala com a voz da emoção de uma jovem vaidosa.

- Meu pai disse o mesmo.

- Gostei da honestidade e maturidade do senhor em vir procurar-me. Vou refazer a proposta de minha filha: o senhor venderá os sapatos a ela num valor menor do que as suas amigas, os modelos podemos ajuda-los, mas terão que mudar-se mais próximo. Não creio que as amigas de minha filha queiram ser atendidas numa sapataria da vila. Pense sobre isso e amanhã conversamos no mesmo horário.

- Mas e se meu pai não aceitar? Sozinho não creio que consiga respeitar os prazos.

- Vá e converse com ele. Sei que irá concordar.

Chegando em casa José encontra o pai incansável, com ares de preocupação. Ao vê-lo logo diz:

- Onde esteve filho? Estava preocupado. Temos muito a fazer, muitas encomendas e sozinho não conseguirei entregar no prazo.

José sentou-se próximo e disse:

- Pai estive na mansão e falei com o pai de Beatriz. Ela é uma jovem impetuosa, mas com o pai é diferente.

- Não gosto disso filho. Fazer negócios com essas pessoas nunca nos faz bem. Eles não gostam de perder e se acham que você está subindo e deixando-os para trás são capazes de tudo para derrubar-lo.

Não sei papai. Gostei de conversar com o pai da Beatriz. Parece ser um homem correto.

- Sim filho, eles parecem bons até desagradarem com alguma coisa ou acharem que estão levando desvantagem. Precisa tomar cuidado.

- Ele pediu que fossemos morar mais próximo da vila deles, a moça encomendará os sapatos a cada 15 dias e terá descontos a cada pessoa que nos apresentar e comprar.

- Filho sempre achei que você deveria ter sua própria sapataria. Já está grande, precisa ter sua própria casa. Estou bem aqui e gosto das pessoas da nossa vila. O que ganho aqui de muito bem para Ana Clara, Mariana e eu. Vá com Deus e construa seu futuro. Estarei aqui sempre que precisar.

José começou a chorar, abraçou o pai carinhosamente, mas sabia que ele estava certo. Já era hora dele seguir seu caminho. Ia começar no dia seguinte. Sentou-se ao lado do pai para pedir conselhos e tirar algumas dúvidas. A conversa rendeu até depois do jantar. Todos recolheram-se ainda agitados com a ideia de José sair de casa.

Capítulo V – O namoro

No dia seguinte José buscou um local apropriado numa vila próximo as melhores casas da cidade. Encontrou uma pequena casa com espaço para trabalhar. Com a ajuda do pai arrumou o local, pintou, comprou algumas ferramentas e se instalou ali.

Um mês depois pegou suas roupas e alguns objetos pessoais e foi despedir-se do pai, irmã e madrasta. Ana Clara fez um almoço especial e com a ajuda de Marina encheu algumas panelas pequenas para José ter janta e almoço no dia seguinte. A despedida foi longa, dolorida e com muitas lágrimas, até que por fim José disse:

- Não estou partindo para uma guerra ou para a morte. Vou apenas morar numa casa distante uma hora de caminhada. Aos domingos virei para irmos a missa juntos. Jamais abandonaria vocês e minha pequena irmãzinha.

Dito isso se pôs a caminhar. Tentou demonstrar segurança, mas estava morrendo de medo, afinal nunca havia se ausentado por muito tempo. Chegou à casa, terminou de arrumar as coisas, deitou-se e dormiu. Nessa noite novamente teve muitos sonhos agitados. Num deles sua mãe o chamava. De braços abertos ela o aguardava entre lágrimas. Acordou assustado chamando a mãe. Quando olhou para os lados se deu conta de que o sol já nascera. Levantou-se e seguiu para a mansão de Beatriz para dizer-lhe que já estava morando ali perto. Chegou na mansão, chamou e lá estava o mordomo vindo em sua direção. Jonas cumprimentou-o com um ligeiro aceno de cabeça e pediu que o acompanhasse. Ao chegar na cozinha as moças estavam entre os cuidados com o almoço e lavar as louças do desjejum. O mordomo pediu que servissem algo para José comer enquanto ele informava a família de Beatriz sobre a presença do jovem.

As moças prontamente serviram-lhe café, bolos, queijos e pães. José deliciou-se com tudo, afinal estava com fome, mas a ansiedade o fez ir da cama para a mansão sem pensar. Nesse momento José passou a observar as jovens. Uma em particular. Ambas aparentavam algo em torno dos 17 anos. Ao perceber que José olhava para as moças a cozinheira resolveu interceder:

- O senhor já esteve aqui outras vezes, sempre entra pela cozinha, mas parece gozar de certa confiança dos patrões. Trabalha para eles em outro local?

- Desculpe, mas nem nos apresentaram. Sou José, sapateiro da vila. Na verdade mudei-me mais próximo para atender a senhorita Beatriz.

-Ah! Entendo. Soube pelos empregados que a senhorita Beatriz tem pés muito delicados. Comprou sapatos em muitas cidades do mundo, gastou fortunas, mas não consegue usa-los por muito mais que uma meia hora. Também disseram que na última festa ela até dançou e todos que a conhecem ficaram impressionados em ver que manteve a alegria e elegância usando seus sapatos. Então o senhor é o milagroso sapateiro? Ganhou o céu com a família.

- Não fiz milagres, disse José com ligeiro sorriso. Apenas aprendi com meu pai a trabalhar com amor, não importa qual seja seu serviço.

- O senhor mora com seus pais? Parece já ter uma boa idade.

- Morei com meus pais até ontem. Agora estou só. Pensei sempre em trabalhar e ajudar em casa. Fui criado com muito carinho e não pensava em nada.

- Quantos anos tem meu jovem?

- Vinte e três anos.

- Com sua idade já tinha minhas duas filhas aqui. Elas são como você: só pensam em trabalhar. Nada de me dar um genro ou netos. Preciso de netos.

José ficou constrangido, enrubescceu e percebeu que as moças também. Por sorte o mordomo veio salvar-lhe.

- Os patrões o aguardam. Siga-me.

Entrando na saleta ao lado da cozinha estava Beatriz e seus pais.

- Então, disse Ricardo, pai de Beatriz, quais as novidades?

- Vim dizer-lhe estou morando próximo daqui e estou a disposição dos senhores.

- Por gentileza, quero que faça alguns sapatos para nós.

José pegou em uma sacola que carregava algumas ferramentas e passou a medir os pés de todos. Terminando o serviço perguntou:

- Algum modelo específico? Para quando desejam o serviço?

- Faça um par para cada um de nós e então faremos a divulgação. Deixe-nos seu endereço para que possamos ir experimentar.

José anotou, despediu-se agradecendo e saiu pela cozinha. Chegando lá a cozinheira disse:

- O senhor fica para o almoço? Quer que eu lhe dê um lanche para levar?

José agradeceu profundamente, aceitando o lanche, despediu-se e saiu.

Dias depois, entretido com o serviço, nem percebeu a figura feminina que entrou em sua oficina. Era uma das filhas da cozinheira.

- Bom dia senhor José, sou Fátima, uma das filhas da cozinheira, lembra-se de mim?

- Bom dia Fátima. Lembro sim. Deseja algo?

- Sei que agora o senhor trabalha apenas para os ricos, mas queria saber se poderia consertar meu sapato? Vou pagar-lhe.

- Deixe-me vê-lo.

Fátima retirou o sapato dos pés e entregou-lhe. Havia muitos buracos e estava desgastado demais. José fez uma cara de preocupação e disse:

- Como ira fazer para deixa-lo para consertar e ir para casa se não trouxe outro?

Encabulada a moça diz:

- Tenho apenas esses. Tive esperanças de que o senhor pudesse ajudar-me agora.

José pensou por uns instantes e disse:

- Tenho um par que fiz, mas não vendi. Coloque-os, se servir à senhorita vai com ele enquanto conserto o seu.

- Mas não terei como pagar esse par novo se acontecer algo! Queria saber quanto fica para consertar para que eu ajunte o dinheiro para pagar-lhe.

- Não pense nisso. Podemos fazer uma troca: conserto seus sapatos e enquanto aguarda usa esses que lhe ofereço e a senhorita me ajuda com minha casa. Passo tantas horas trabalhando que mal tenho me alimentado e a casa esta toda bagunçada. Aos domingos vou para a casa de meus pais. Minha mãe exige minha presença na missa.

Fátima sorriu, tomou os sapatos e entrou na casa. José abandonou o que fazia e fez um par de sapatos novos, iguais aos que Fátima usava. A jovem saiu da casa de José horas depois dizendo:

- O senhor vivia num estábulo. Nunca vi uma casa tão suja. Espero que os meus sapatos fiquem bons.

Quando José entregou-lhe os sapatos seus olhos até brilharam.

- Que lindos! Parecem novos!

- Apenas troquei alguns pedaços, mas ainda são os seus.

Fátima calçou-os e saiu dançando.

- São maravilhosos. Por isso a patroa sempre o elogia. Parece que estou descalça. Quando precisar que eu limpe sua casa aceito o pagamento com outro par de sapatos, mas o próximo será para minha irmã.

- Então venha em um mês e trocamos nossos trabalhos.

Um mês depois estava Fátima com seu lindo sorriso. José a aguardava ansioso. Já havia falado secretamente sobre ela para Ana Clara. Sua madrasta estava ansiosa em conhecer a moça. Via o enteado feliz e empolgado com a jovem. Fátima entrou com um sonoro:

- Bom dia senhor José! Nosso trato ainda está em pé?

- Sim. Trouxe os sapatos de sua irmã?

- Sim, ei-los.

Novamente José fez pares novos e escondeu os antigos para depois joga-los fora. Pouco depois Fátima volta feliz.

- Em um mês o senhor pouco sujou a casa, mas parece cada vez mais magro. Deixei comida pronta sobre o fogão de lenha. Precisa alimentar-se. Quando foi entregar os sapatos José diz:

- Esperarei a senhorita em um mês ou o nosso trato termina aqui?
- Voltarei em um mês, mas pedirei que para um par para minha mãe.
- Certo. Até daqui um mês.

Dias depois José resolve encher-se de coragem e ir a mansão. Entrou sem ser anunciado porque queria falar com a cozinheira. Parou na porta e esperou ser percebido. A cozinheira olhou admirada.

- Alguém o chamou? Como entrou só?
- Vim falar com a senhora. Podemos conversar a sós?

A cozinheira saiu e José anunciou:

- Estou apaixonado por sua filha Fátima. Acho-a doce e uma linda moça. Gostaria de pedir que me permita namora-la. Gostaria de falar com seu marido também.

- Por favor, venha à noite para conversarmos com calma. O senhor, meu marido e eu. Moramos naquela casinha. A primeira de todas. Vou conversar com meu marido primeiro.

Ao anoitecer José foi a casa da cozinheira Ilma. Chegou com algumas flores do campo pouco antes do jantar, conforme o combinado. Ilma o recebeu com um doce e largo sorriso.

- Entre José. Sinta-se a vontade. Estávamos esperando você.

José fez um gesto de reverencia e entregou a dona da casa o ramalhete.

- Isso é apenas uma singela demonstração de agradecimento por receber-me, minha senhora.

Ilma sorriu com maior intensidade. Nunca ganhara um ramalhete. Nem de simples flores do campo. Estava tão emocionada com a educação e atenção do jovem que as lágrimas rolaram por sua rosada face.

- Não sei como agradecer-lhe. Estou muito emocionada, filho. Gostaria de abraçar-lhe.

José deu passo adiante abrindo a possibilidade. Quando Ilma o abraçou foi sua vez de não conter as lágrimas. É como sentisse o abraço e o perfume de sua mãe. O encanto foi quebrado por algumas vozes vindas da casa.

- Veja! Mamãe esta chorando abraçada a um rapaz, disse Filomena, uma das filhas de Ilma.

- Vamos entrar José, disse Ilma, ou as pessoas pensarão que me trouxe péssimas notícias.

José entrou ainda secando os olhos. Dona Ilma apresentou todos, inclusive Renato, seu marido e cocheiro da mansão.

- É um imenso prazer conhecê-los. Parece que já nos conhecemos de longa data. A casa e tudo nela me parecem familiar.

O casal entreolhou-se sem nada dizer. Ilma e as filhas trataram de por a mesa. Enquanto servia dizia a José quais os pratos foram feitos por sua pretendida. A cada anuncio José e Fátima ficavam sem graça e enrubescia. Renato apenas observava. Ao final da refeição José agradeceu fazendo elogios ao almoço servido. Retiraram a mesa e Renato convidou José a tomar um café na varanda da casa.

Renato falava mansamente sobre trabalhar na mansão, morar ali, sobre os filhos e o que almejavam a cada um. José escutava e ia criando coragem para dizer o motivo da visita. Após alguns minutos de silêncio José começou a dizer:

- Senhor Renato, não os conhecia. Apenas havia visto sua esposa e filhas trabalhando na cozinha da mansão. Vim para cá a pedidos de dona Beatriz. Ela contratou meus serviços e disse ter gostado. Queria que eu continuasse a trabalhar para ela. Confesso que suas filhas são encantadoras, mas nunca as olhei com cobiça. No entanto o passar dos dias, a honestidade e o carinho de sua filha Fátima para com a família chamou minha atenção. Suas filhas são educadas e bonitas. Vim aqui pedir-lhe consentimento para namorar a senhorita Fátima.

Renato, que sabia de tudo através de Ilma, respondeu:

- A princípio todos os empregados, inclusive o mordomo Jonas, pensaram que o senhor tinha interesse por senhorita Beatriz. Uma moça bonita, espirituosa, rica e inteligente. Confesso que estou espantado com seu pedido.

- Tive interesses em dona Beatriz, mas nunca passaram de interesse comercial. Sempre pensei em trabalhar. A maioria dos homens de minha idade são casados e possuem filhos. Eu preferi aprimorar-me profissionalmente.

- Diante de sua honestidade e demonstração de hombridade vindo falar comigo, digo-lhe que não me oponho, mas será nos meus moldes.

- Sem problemas senhor Renato. Desejo dar a sua filha um futuro respeitável, não faria nada de errado com ela.

Renato chamou a família e fez o anuncio sobre o começo do namoro do casal. Todos festejaram com alegria. Mais tarde José voltou para sua casa, comeu algumas coisas que sobraram em sua cozinha e foi deitar-se. Adormeceu rapidamente diante da emoção.

Em seus sonhos viu sua mãe sorrindo, sentou-se ao lado dela e começaram a conversar. Sua mãe o parabenizou pela escolha e o advertiu:

- Filho, tome cuidado. Muitas coisas começarão a acontecer em sua vida. Não desista de seus objetivos e sempre tenha fé em Deus.

Abraçaram-se e José chorou de saudade da mãe querida. Acordou entre lágrimas.

Os dias foram passando e José se dividia seus raros momentos de folga com o namoro, a missa nos domingos de manhã e sua família.

No primeiro domingo após pedir a moça em namoro foi almoçar com o pai e a madrasta. Ana Clara e Mariana o receberam com muito carinho e saudade.

- Pai, Ana Clara e Mariana, tenho um anúncio a fazer: estou namorando.

Todos ficaram entre a alegria e a admiração. Ao que o pai perguntou:

- Quem é a moça? Aquela da mansão?

- Não pai. Beatriz é uma linda jovem, mas meu interesse com ela é apenas vender sapatos. A moça que estou cortejando é a filha da cozinheira, a senhora Ilma e o senhor Renato, o cocheiro da mansão.

- Estou feliz e aliviado. Ana Clara e eu tínhamos que você sofresse com aquela moça. Somos de níveis sociais diferentes e nunca iriam te respeitar. Bom, agora temos que marcar um almoço com as duas famílias. O que combinarem eu aprovo. Confio em você, filho.

Novamente José comemorou com alegria. Fátima era uma moça, seria uma boa esposa assim como Ana Clara. Marcaram o almoço com as duas famílias na casa dos pais de Fátima, pois assim seria mais fácil. A família de José era menor. Ana Clara levou um prato salgado para servir durante o almoço e um doce para depois. Também levou um doce especial para presentear Ilma.

Um dia de muitas festas. José apresentou a todos. Ilma, Ana Clara sentiram-se amigas rapidamente. Junto com as moças da casa foram para a cozinha. Renato, Pedro e José foram para a varanda ter conversas de homens. Mariana e alguns filhos pequenos do casal e dos filhos de outros empregados uniram-se num espaço próximo as casas e foram brincar.

O dia foi gostoso e quando começou a entardecer Pedro e Ana Clara pegaram Mariana e seguiram para casa. José os acompanhou por um bom trecho. Ao chegar próximo da vila onde viviam José retornou para sua casa. Novamente cansado deitou-se e dormiu profundamente e sonhou com sua mãe.

- Filho, Deus abençoe você, a moça e as famílias. Tudo sairá bem porque esse é o plano de Deus, mas cuide-se porque muitas coisas ainda não de acontecer.

Capítulo VI – O noivado

Os dias seguiram iguais. Um dia, depois de um dia exaustivo de trabalho José se deu conta de que tinha uma boa economia, Fátima era boa companheira, mas podia auxiliá-lo apenas uma vez por semana, e ainda que muito trabalhasse sentia-se sozinho. Sentia falta das doçuras de Mariana e da meiguice de Fátima. Pensou muito nas coisas que perdia e na vida que o pai sempre levava e o ensinara. O pai sempre foi atento a ele e a Sarah, sua mãe e depois a Ana Clara, sua madrasta, e a Mariana.

No domingo seguinte ia almoçar com a família de Fátima. Antes de dormir lembrou-se das orações que sua mãe o ensinara e pediu que ela o orientasse. Nessa noite José sonhou com a capela onde seu pai se casou com as duas mulheres de sua vida. Uma mulher de costas com a cabeça coberta por um pequeno véu. Ao final com um pequeno banquete, mas não podia ver os participantes.

No domingo acordou disposto. Tomou todos os cuidados com sua aparência, foi até a vila e comprou dois pequenos buquês e seguiu para casa da namorada. Chegou com a educação costumeira, entregou um buquê a senhora Ilma e, diante de todos, disse:

- Senhor Renato respeito muito sua casa, o senhor, sua família e principalmente sua filha Fátima. Ela tem me ajudado há tempos a manter-me um homem civilizado. Todas as vezes que ela foi a minha oficina jamais a desrespeitei porque meus pais assim me educaram. Amo sua filha e quero torna-la uma mulher séria para que nunca lhe faltem com o respeito que dedico a ela. Gostaria de casar-me com ela se o senhor assim o permitir. Tenho uma pequena economia e com a ajuda dela pretendo comprar uma pequena casa e dar-lhes netos.

Ilma pôs-se a chorar, Fátima enrubesceu e ficou sem ação do inesperado pedido e do buquê que ele lhe oferecia. Renato ficou assustado, mas feliz por ter um genro tão honesto nas palavras e que trazia planos de bom futuro para sua primogênita. Os irmãos de Fátima vibravam de alegria, e respondeu:

- Diante de todas as suas palavras, suas ações para com minha filha e minha família, concedo minha filha em casamento ao senhor. Enquanto as mulheres fazem o almoço e planos, nós vamos marcar um almoço com sua família para acertarmos os detalhes. Seus pais já sabem de sua decisão?

- Não senhor. Tive essa inspiração essa semana e achei por bem falar com o senhor primeira. Se julgasse prematuro eu acataria sua decisão. Somente diante de sua decisão direi aos meus pais.

O almoço transcorreu em clima de festa. Todos falando sobre os planos e o que se precisaria fazer. Ao final do almoço José desculpou-se e disse que iria à

casa dos pais anunciar a decisão do casamento. Precisaria ir cedo para ter tempo para chegar a bom horário em sua própria casa, afinal no dia seguinte teria muito a trabalhar. Despediu-se de todos. Fátima foi acompanhá-lo ao portão quando José disse:

- Desculpe não consultá-la antes, mas essa semana estava sentindo-me sozinho, pedi orientações a Deus antes de dormir e sonhei com uma cerimônia de casamento, por isso falei com seu pai sem consultá-la. Sei que será uma boa esposa. Saberá me ajudar a administrar a casa, fazer economia e ajudar-me a comprar nossa casa.

- Não se preocupe. Estou feliz. Talvez se você me consultasse eu teria medo e iria querer adiar, mas dessa forma não posso recusar. Amo você e acho que esse é o momento certo.

José marcou um almoço com ambas famílias, mas dessa vez na casa de seu pai. O pai conseguiu uma carroça e cavalo emprestados de um dos funcionários da mansão, amigo seu, e seguiram para a vila onde moravam os pais de José. Chegaram cedo trazendo alguns pratos feitos durante a semana para não perder tempo.

No dia em questão Pedro e José limparam a casa enquanto Ana Clara e Mariana lidavam na cozinha. Arrumaram uma mesa grande e bancos improvisados, pois a família de Fátima era numerosa.

A família de Fátima chegou cedo. As mulheres foram para a cozinha terminar o banquete e os homens ajudarem Pedro a terminar de organizar o ambiente onde seria servido a refeição. As crianças saíram pelo bairro pegando flores que encontravam pelo caminho e organizando pequenos vasos para enfeitar o ambiente.

Na hora da refeição era de muita alegria e falatório. Ana Clara nunca se sentira tão feliz quanto aquele momento. Sempre sonhou com uma família numerosa. Ilma e Renato sentiam-se cada vez mais confiantes com a escolha da filha e já sonhavam com netos. A certa altura José levantou-se e, visivelmente emocionado, disse:

- Senhor Renato, estou feliz em que o senhor e sua família estejam aqui hoje. Meu pai, obrigado por tudo o que foi em minha vida e a boa educação que o senhor e minha mãe me deram. Sem isso não teria conquistado o respeito profissional que hoje tenho. Hoje reconheço que todo o amor que me dedicaram e a educação me permitiu a felicidade de conhecer e namorar com a moça mais respeitável que já conheci. Nesse momento peço oficialmente que o senhor Renato conceda sua linda filha em casamento.

Diante do silêncio e a expectativa de todos Renato levantou-se, estendeu a mão para José e com largo sorriso pronunciou-se:

- Não só concedo minha filha em casamento como estou feliz que faça parte da minha família a partir de então. Senhor Pedro: parabéns pelo filho que tem. Não podia ter desejado alguém melhor minha filha.

Nesse momento de emoção todos se levantaram e abraçaram-se como uma só família. Quando todos retornaram seus lugares Pedro disse:

- Agora precisamos que o casal marque a data para começarmos a providenciar tudo. É costume que se casem um ano após o dia do noivado. Já pensaram numa data?

José olhou um tanto tímido para Fátima e respondeu:

- Não pensei em esperar tanto. Fátima e eu nos damos bem, sei que ela é boa dona de casa e nos amamos. Estou me sentindo sozinho e desorganizado. Pensei em nos casar antes do final do ano. No máximo em seis meses.

Pedro levantou-se rapidamente e com ares de raiva disse:

- Por que a pressa? Vocês são jovens. Tem alguma coisa errada?

- Não pai. Educou-me bem. Sempre respeitei Fátima porque assim me ensinou. Moro sozinho, não tenho horário para fazer minhas refeições. Às vezes não tenho o que comer porque paro de trabalhar muito tarde. A noite me sinto sozinho por não ter com quem conversar. Sei que Fátima irá me ajudar com essas coisas.

- Se não há problemas, então marque, mas lembre-se que casamentos precisam ser organizados com antecedência e teremos gastos. Está preparado?

- Sim pai. Tenho minhas economias. Vou comprar uma pequena casa e o que sobrar usarei no casamento. Recebi muita encomenda das pessoas da vila onde estou.

O clima de festa voltou a reinar e todos faziam planos e decidiam a data. Ana Clara, Ilma e Fátima foram começar a pensar nos detalhes enquanto lavavam as louças e arrumavam a cozinha. Quando tudo estava em seus lugares Renato e Ilma começaram a chamar os filhos par ir embora e marcaram uma reunião com os pais de José em quinze dias para definir alguns detalhes.

José despediu-se dos pais e de Mariana para seguir com a família de Fátima, pois morava próximo deles. Pedro aproveitou o momento, abraçou o filho e falou:

- Esta tudo bem com a moça? Você não fez mal a ela, certo?

- Não pai. Nunca toquei em Fátima. Faço valer o respeito e a confiança de senhor Renato e a senhora Ilma.

- Me desculpe filho, mas também tenho uma filha e quero que a respeite.

Todos despediram-se, Renato e Ilma seguiram com os filhos e José para a vila onde moravam e Pedro e Ana Clara entraram. Ana Clara começou a conversa:

- Pedro, por que irritou-se com José?

Ele parecia apressado em casar-se. Quer casar antes de fazer seis meses de noivado. Isso não é certo! Não é normal. Ele jurou que não tocou Fátima, mas ainda tenho dúvidas. Por que a pressa? Por que não esperar um ano?

- Pedro ele explicou o motivo. Acredito nele. Ele sempre foi um bom rapaz, um excelente filho, um grande companheiro quando Sarah morreu. Mostrou um grande caráter e me recebeu de braços abertos. Sempre me respeitou e tratou-me com carinho de filho. Ele nunca faria algo que o decepcionasse. Acaso não confia na educação que deu a ele?

- Confio, mas eles são jovens e ele mora sozinho. Ela vai lá para ajuda-lo. Isso me preocupa.

- Não deveria. Confie nele. Ela está feliz e ansiosa. Parece viver em um conto de fadas. Isso significa que ela vive um sonho de menina, não de mulher.

Pedro coçou a cabeça, olhou para Ana Clara e concluiu:

- Você tem razão, minha querida. Minha vida sempre foi boa e tranquila. Quando pensei que ia morrer com a ausência de Sarah, Deus presenteou-me com você. Sei da solidão que meu filho sofre hoje porque também a tive, mesmo com ele aqui. É a solidão de um homem que somente uma mulher preenche.

Ana Clara o abraçou, beijou carinhosamente sua face e o convidou a dormir. Enquanto isso Renato parava em frente a casa de José, ambos desceram e José falou constrangido:

- Senhor Renato perdoe meu pai. Nunca o vi assim, mas ele disse que tem em Fátima uma filha e teve medo que eu a tenha molestado, mas dou minha palavra de homem que jamais abusei de sua confiança.

- Confio em você, meu filho.

Meses depois José conduzia a família de um lado para outro. As mulheres falavam sobre os detalhes da cerimônia de casamento e os homens sobre a festa. Como a Capela ficava próximo a casa de Pedro decidiram limpar a oficina uma semana antes. Pedro e José abririam mão de novos serviços e Renato os ajudaria a mudar as coisas de lugar e guardar onde era o quarto de José.

As mulheres dividiram a responsabilidade dos pratos a serem servidos no dia. Estariam presentes no almoço os pais e irmãos dos noivos, alguns amigos de Renato e Ilma e os tios de Ana Clara, ainda que ela não estivesse feliz em convidá-los. Pedro achava que seria falta de educação excluí-los, então decidiram convidá-los na última semana, quando fossem falar com o padre.

O tempo passava e a ansiedade tomava conta do casal. Nesse período Fátima deixou de ir a casa de José para evitar constrangimentos e falatórios. A casa de José estava numa completa bagunça. Certo domingo queixou-se para Ana Clara. Dias depois a madrasta e a irmã apareceram sorridentes. A surpresa foi inesperada e José quase chorou de alegria.

Ana Clara o chamou para a casa e foi aconselhando como manter a organização enquanto ajudava a arrumar tudo. Fez o almoço e deixou reservado algumas carnes na gordura de porco para que ele comesse quando sentisse fome. Também deixou alguns pães frescos. Mariana ajudou em tudo. À tarde as duas seguiram de volta para casa. Meses depois a casa continuava arrumada e José sempre ganhava um pouco de comida pronta de ambas as famílias ao final do domingo. Sua aparência até melhorou.

Um dia José foi buscar Fátima e seus pais e seguiram para a vila onde os pais dele moravam e de lá para a missa com Pedro, Ana Clara e Mariana. Ao final da missa foram falar com o padre. Como Pedro e José eram conhecidos o padre os cumprimentou alegremente, depois aos demais seguido pela apresentação de Fátima e seus pais.

- Padre esta é Fátima, minha noiva, seu pai, senhor Renato e esposa, senhora Ilma. Vim dizer-lhe que desejamos receber suas bênçãos para nossa união. Faz quase um ano que estou noivo e quero torna-la uma mulher respeitável.

Após as felicitações, todos seguiram para a sacristia para conversar em local mais reservado. O padre fez perguntas de praxe sobre a fé da família da noiva e a que igreja frequentava. Feito a parte burocrática marcaram o dia do casamento. A família não se continha de alegria. Agora precisavam concluir os preparativos.

Uma semana antes Ana Clara, acompanhada de Pedro e Mariana, foram à casa de seus tios. A tia recebeu na porta da casa olhando-a dos pés a cabeça. Quando apresentou Mariana a mulher fitou atentamente até os menores detalhes da fisionomia da menina e disse:

- Vejo que você esta bem. Foi feliz em fazer um bom casamento e sua filha até parece com seu marido. Não podia ter tido sorte maior. O negócio é mesmo ir todos os domingos a missa e agradecer a Deus por Ele ter te presenteado bem apesar de tudo.

Ana Clara ficou vermelha de raiva na hora. Mariana olhava sem entender. Nunca havia conhecido uma pessoa tão amarga. Pedro colocou a mão carinhosamente no ombro de Ana Clara e respondeu:

- Bom dia minha senhora. Também estamos felizes em vê-la tão bem. Ana Clara não tem muito a agradecer, mas todas as noites, antes de dormir ajoelho-me e agradeço a Deus a esposa tenho. Ele me deu um grande presente: uma esposa linda, educada, trabalhadora, organizada, econômica, doce e que todos os dias me recepciona com o sorriso mais maravilhoso que já conheci. Não bastasse

isso, ainda deu-me uma filha perfeita e tão meiga quanto ela. O que um homem pode desejar mais?

Ana Clara abaixou a cabeça e sorriu com uma pequena lágrima no canto dos olhos. Sabia que o marido a amava, mas, naquele momento, ela via a seu lado o homem que sempre sonhava como marido desde sua adolescência. Um homem carinhoso que a amasse, respeitasse e a defendesse do mundo.

Ana Clara aproveitou o silêncio constrangedor da tia e falou:

- Tia, viemos convidar a senhora e o tio para o casamento de meu enteado José. Será no próximo domingo de manhã. Após a cerimônia serviremos um almoço em nossa casa.

- José não é seu filho, por que nos convida?

- José é meu filho, disse Pedro, o menino considera Ana Clara uma mãe e a trata com o respeito como tal. Por essa consideração achamos por bem convidá-los. A senhora e seu marido serão bem vindos. Isso é tudo, agora vamos embora porque temos coisas a fazer. Tenha um bom dia.

Pedro nem esperou a resposta da tia de Ana Clara. Abraçou a esposa e a filha, uma de cada lado, e foram embora.

Durante a semana José e Pedro nem trabalharam nas oficinas, apenas organizando tudo para o dia do casamento. Renato por sua vez aproveitava pequenos momentos de folga para comprar coisas e ajudar a Ilma e as filhas com o almoço do casamento. No sábado estava quase tudo pronto. Renato tomou emprestado a carroça do amigo e foi levar algumas coisas e comidas prontas para a casa de Pedro e ajuda-lo a arrumar as mesas e bancos para o almoço. Passaram o dia trabalhando e a tarde, quando estava tudo em ordem Renato e José voltaram para a vila onde moravam, pois não havia onde dormirem.

Nessa noite José sonhou com sua mãe. Sarah o chamou, abraçou carinhosamente, deitou a cabeça de José em seu colo e enquanto afagava seus cabelos disse:

- Filho: tenho muito orgulho de você. Sabia que seria um grande homem. Fátima e você foram abençoados como casal há muito. Não estarei na forma física, mas esteja certo que assistirei a cerimônia. Tudo correrá conforme os desejos de Deus. Serão felizes, mas irão precisar manter a fé. Muitas coisas acontecerão. Sempre que as coisas ficarem difíceis ore e peça ajuda a Deus. Estarei sempre a seu lado.

José acordou sentindo o perfume de sua mãe e as palavras dela ainda estavam em sua memória. Chorou de saudades de sua doce mãe. Quando o dia começou a clarear seguiu para a casa do pai. Ao chegar lá abraçou longamente Ana Clara e chorou. A madrastra correspondeu ao abraço e fazendo carinho em seus cabelos, disse:

- Filho: ela nunca te abandonou. Ajudou-me muito e sempre me orienta. Tive em Sarah os conselhos e o amor que esperava de minha mãe e não tive.

José olhou a madrasta sem entender bem e ela prosseguiu:

- Dias antes de casar com seu pai eu chorava e pedia a Deus que me ajudasse, pois sofria muito na casa de meus tios. Sua mãe apareceu em meus sonhos e disse que meus dias de sofrimento estavam no fim. Que eu conheceria um homem bom e que ele e seu filho me mostrariam que ainda existem pessoas boas no mundo. Depois que casei, um dia seu pai descreveu sua mãe e então entendi que seria ela meu anjo da guarda. Sempre que me via angustiada, inclusive com a gravidez, educação de Mariana e conselhos a você, ela aparecia em meus sonhos e no dia seguinte tudo se resolvia. Essa noite ela disse que você e Fátima estão abençoados, mas que eu sempre os visite porque passarão momentos difíceis. Precisarão de seu pai e eu. José: sempre estarei aqui para o que precisarem. Tenho por você o mesmo amor que tenho por Mariana. Nunca os abandonarei.

No domingo de manhã Renato, Ilma, Fátima e os demais estavam alvoroçados e preparando-se para o grande dia. Fátima estava linda com suas roupas que ela mesma fez. José cedeu-lhe o dinheiro para comprar o tecido, o pai, Renato, ajudou. Ilma e Fátima confeccionaram.

Prontos subiram na carroça e seguiram para a igreja. No caminho todos falavam juntos e riam. Apenas Fátima estava tensa e não conseguia rir de nada. Ilma, percebendo sua tensão, tomou-lhe as mãos e disse:

- Filha, confie em José. Ele é um ótimo rapaz e a fará feliz como seu pai me faz. Você teve sorte. Em vez de sofrer com o medo do futuro agradeça a Deus. José é trabalhador, não tem vícios e dona Ana Clara o educou muito bem.

Na casa de Pedro, José é quem estava nervoso e inquieto repassando e conferindo tudo. Pedro tentou falar com ele em vão até render-se e pedir ajuda a Ana Clara.

- Não consigo acalmá-lo. Parece que falta algo. Ele confere tudo o tempo todo, mas não há nada errado.

Ana Clara sorriu para Pedro e foi na direção de José.

- Filho, sei que sente falta e gostaria que ela estivesse aqui hoje. Sei que gostaria de tê-la no altar ao seu lado, mas isso não é possível.

Nesse momento José pôs-se a chorar. Somente nesse momento percebeu que era isso que faltava. Havia acordado de madrugada preocupado por faltar algo. Caminhou ainda no escuro e fez o trajeto entre sua casa e de seu pai na metade do tempo, mas não via nada errado. Abraçou Ana Clara e chorou. A madrasta prosseguiu:

- Ela esta e sempre esteve ao seu lado. Durante a cerimônia sentirá a presença dela. Como disse a você: ela me ajudou desde antes de conhecer seu pai. Se ela me ajudou, porque abandonaria o filho amado? Agora vá lavar o rosto e vamos para a igreja. Fátima já deve estar chegando. Não a deixe esperar.

Depois de se recompor, José e a família seguiu para a igreja. Lá viu, além dos frequentadores habituais, alguns vizinhos que tinham grande apreço por eles, alguns amigos de Renato e os tios de Ana Clara. Na hora exata adentrou a igreja a mãe e os irmãos de Fátima e acomodaram-se em seus lugares. Logo atrás senhor Renato de braço dado com Fátima. Seus olhos brilharam. Fátima estava mais linda. Senhor Renato entregou a filha e abraçou José. Iniciou-se a cerimônia.

Quando o padre e iniciou o sermão sobre o casamento, compromisso e família, José teve a nítida impressão de ver sua mãe ao lado do padre. As palavras ditas pelo vigário foram lindas e José sentiu-se feliz e abençoado. Sentia todo o amor aquecer seu coração e abraçar Fátima. Ela retribuiu seu olhar com um lindo e meigo sorriso.

Ao final receberam as felicitações de todos e seguiram para a casa de Pedro. Lá iniciou-se a ceia. Todos estavam felizes brindando. A certo ponto a tia de Ana Clara seguiu Ilma até a cozinha com a desculpa de ajudar. Lá chegando não poupou seu veneno.

- A senhora é a mãe da noiva? Sabia que Ana Clara não é a mãe de José? Disseram isso a senhora? Esse marido dela é um homem bom, mas é bobo. Nunca perguntou nada sobre o passado dela. Ela se faz de santa, mas só meu marido e eu sabemos quem ela foi antes de casa-se com Pedro.

Ilma ficou vermelha, sem graça e sem palavras. Não sabia o que dizer. Muitas perguntas começaram a povoar sua cabeça. A principal delas era: "Por que José nunca havia dito nada?" A mulher então continuou:

- Essa menina, então, não sabemos se é irmã de José. Ela pode não ser. O Pedro é um homem inocente. Ficou embevecido por conseguir casar com uma linda jovem solteira, vinda de uma cidade grande, mas nunca perguntou nada.

Nesse momento Ana Clara entrou na cozinha e percebendo algo estranho perguntou:

- Senhora Ilma, esta se sentindo bem? Quer que eu chame seu marido?

Olhou fixamente para a tia sabendo que algo havia sido dito por ela. Ana Clara ajudou Ilma a sentar-se e preparou água com açúcar e entregou-lhe. Quando Ilma parecia ter se recomposto e sua tia retirou-se da cozinha Ana Clara disse calmamente:

- Senhora Ilma, hoje é o dia de José e Fátima. Eles estão felizes e precisam de nosso apoio. Precisamos passar-lhes confiança. Aparentemente a senhora esta bem. Vamos voltar e servir os convidados. Nossos problemas

peçoais resolvemos depois. Quando a senhora desejar. Ilma olhou nos olhos de Ana Clara e viu inocência. Não podia acreditar naquela mulher cheia de amargura. Levantou-se e disse:

- Sim. Hoje é o dia deles. Outro dia falamos de nós. Não podemos destruir a felicidades deles.

Ao final da tarde a casa estava limpa e com a louça lavada. Ilma havia recolhido suas coisas e algumas sobras porque havia cozinhado muito além do que consumiram, e com Renato, Ilma, Fátima, José e os filhos seguiram para a outra vila. Ana Clara, Pedro e Mariana estavam cansados e iam deixar a arrumação da oficina para o dia seguinte. Ana Clara colocou Mariana para dormir, sentou-se na cama ao lado de Pedro e disse:

- Minha tia falou algo de errado a senhora Ilma. Parece ter dito palavras pesadas como as que me falava antes de casar-me com você.

- Você nunca me falou nada sobre sua vida antes de nos conhecermos. Pensei que fosse feliz com eles, mas esses dias, depois que os convidamos para o casamento de José, tenho pensado em muitas coisas. Principalmente na forma como apressaram nosso casamento.

Ana Clara começou a chorar. Não queria falar nada, mas temia pela felicidade dos recém-casados.

- Pedro, nunca falei nada porque sou muito feliz desde que o conheci. Porque me fez esquecer todas as minhas dores do passado. Meus tios me acolheram porque esperavam o dinheiro da venda da casa de meus pais. Apenas queriam o dinheiro, mas nunca me trataram bem. Fui escrava deles. Fazia todo o serviço. Nunca reclamei porque dependia de uma cama para dormir e uma moça sozinha não é bom. As pessoas falam. Passei fome. As roupas que me viu usar eram as mais velhas e simples de minha mãe e minhas. As melhores ela me tomou. Quando nos casamos não me deixou tirar muitas coisas da casa. Trouxe somente as roupas mais velhas e algumas que você me deu. Os sapatos idem. Ela sempre nos odiou porque minha mãe era linda e casou-se com um homem de posses. Meu pai nos deu uma vida de rainha. Sempre nos mimou e amou. Ela não teve a mesma sorte. Quando minha mãe morreu eu era uma criança. Tinha apenas treze anos. Ela saiu do enterro e foi em nossa casa e pegou algumas coisas dizendo que minha mãe não usaria mais. Meu pai e eu ficamos chocados, mas ele não impediu. Apenas me disse que se eu precisasse algo ele compraria novamente. A morte de minha mãe abalou a saúde de meu pai. Ele começou a definhar e perder a vontade de trabalhar. Como o dinheiro diminuindo fomos perdendo os empregados. Passei a cuidar de tudo sozinha, inclusive dele. Minha tia só aparecia para gritar palavras horríveis me acusando de estar maltratando ele e levar coisas da casa. Quando eu tinha dezenove anos conheci um jovem. Ele sabia de minha história e prometeu ajudar-me, mas ele queria, na verdade, saber se havia algum dinheiro na casa para levar. Já não tínhamos nada. Eu havia vendido quase tudo para manter meu pai e

eu. Um dia esse jovem me bateu na presença de meu pai pedindo dinheiro. Aquilo foi demais para ele, que veio a falecer dias depois. Após o enterro coloquei a casa a venda. Não sabia o que fazer, mas sabia que não queria ficar ali. Tudo me lembrava meus pais, a quem tanto amava. Vendi a casa, mas não estava com todo o dinheiro. O homem que comprou havia deixado parte do dinheiro com o advogado dele, mas aquele jovem com quem namorei pensou que estava tudo comigo e, na noite anterior a minha saída da casa, invadiu e pediu-me o dinheiro. Disse que não estava comigo, mas ele não acreditou. Bateu-me, me molestou e levou tudo de valor que restou na casa.

Ana Clara começou a chorar, mas prosseguiu:

- Conte a minha tia, pois era a única pessoa que restava em minha vida. Ela passou a humilhar-me e querer colocar-me para fora de casa dizendo que eu não era digna de estar ali. Meu tio não deixou, mas disse que ficaria com o resto do dinheiro da casa e eu passaria a ser empregada deles. Por não saber minha condição, medo e sem ter a quem recorrer aceitei. Foi quando te conheci. Queria afastar-me porque não me sentia digna, mas meus tios me ameaçaram: caso não me casasse com você eles diriam a todos da vila que eu havia sido prostituta. Isso acabaria comigo e eu ia morrer pelas ruas. Nunca te disse nada porque vivi sob ameaças deles. Sei que esta me odiando. Menti e trapaceei. Amei você por sempre haver me tratado com amor e ternura. Você me deu o carinho que não tinha há anos. Me respeitou e me deu uma família. A coisa mais preciosa foi Mariana. Se quiser anular o casamento, ou que eu vá dormir no quarto que foi de José eu aceito, mas, por favor, deixe-me ficar. Não tenho para onde ir, amo você e nossa filha e ficar longe de vocês significaria a minha morte. Deixe ao menos cuidar de vocês. Tenho em José um filho e não quero perde-los.

Pedro escutou tudo, cada palavra, atentamente. Foi como um balde de água em sua cara. Não sabia o que responder. Ana Clara levantou-se e disse:

- Vou dormir essa noite com Mariana e amanhã me diz o que devo fazer, mas pense com carinho. Tudo o que fiz desde que nos conhecemos foi por amor.

Capítulo VII – A verdade

No dia seguinte Pedro e Ana Clara saíram de seus quartos cansados por uma noite mal dormida. A tristeza era evidente. Ana Clara desejou-lhes um bom dia e seguiu para a cozinha para servir o desjejum. Ainda que estivesse sem fome, sentaram-se junto com Mariana e fizeram a refeição em silêncio. Estranhando a atitude dos pais, que sempre tinham gostosas e animadas conversas sobre a vida quando estavam juntos, Mariana decidiu quebrar o silêncio dizendo a primeira coisa que lhe viesse a cabeça:

- Papai, mamãe: amo muito vocês e não quero perde-los nunca. Sofreria muito com isso.

Ana Clara pôs-se a chorar sem conseguir parar. Mariana e Pedro levantaram-se e abraçaram-na. Todos choraram, mas apenas Mariana não entendia o motivo. Quando abrandou-se Ana Clara olhou nos olhos da filha e disse com ternura:

- A mamãe nunca vai abandona-la. Amo muito você e seu pai. São pessoas mais importantes de minha vida. Por que disse isso filha?

- Não sei. Lembrei-me do dia em que José foi embora. Todos estavam em silencio como hoje. Parece que estão muito tristes. Ontem estávamos felizes com a festa do casamento de José. Depois que a mamãe conversou com a tia dela está triste todos os dias. Mamãe, sua tia tem uma tristeza que escurece o rosto dela. As vezes olhava para ela e via apenas uma sombra. Isso me assusta. Não gosto disso. Quando ela conversa com a senhora seu rosto também fica escuro. Por favor, mamãe, não converse mais com ela. Desculpe pedir isso, mas não gosto de te ver triste. Gosto quando a senhora acorda feliz e cantando. Papai até trabalha melhor. Temos paz quando tudo esta bem. Os anjos andam sorrindo pela casa e agradecem nossas orações. Hoje até rosto de papai está escuro.

Após dizer isso abraçou os dois e disse novamente:

- Eu os amo. Por favor, sorriam.

Pedro e Ana Clara se entreolharam, ela sorriu para ele e o abraçou. Pedro pensava nas palavras da filha, que dentro da sua inocência, trouxe o amor e sabedoria de volta ao lar. Ele abraçou a ambas, beijou-as ternamente e concluiu:

- Não vamos deixa-la filha. Vamos nos sentar, fazer uma oração e tomar nosso café.

- Os anjos estão agradecendo, papai. Eles voltaram a sorrir.

Mesmo sem entender nada os pais sentaram-se, oraram em agradecimento a mais um dia, alimentaram-se e seguiram para a arrumação da oficina.

Nesse momento José e Fátima acordaram felizes por estarem juntos. Na noite anterior chegaram cansados e foram direto para a cama e dormiram tranquilos. Enquanto Fátima arrumava o desjejum, José colocava a mesa. Sentaram-se animados com as novidades da vida juntos, agradeceram a Deus o dia e tomaram seu café. Fátima precisava ir trabalhar com a mãe na mansão da família de Beatriz, então José encarregou-se de arrumar a cozinha e seguir para a oficina e retomar o serviço. Quando Fátima estava saindo de casa Beatriz estava chegando.

- O que faz aqui tão cedo, Fátima? Como conhece José? Veio pedir-lhe que te faça um par de sapatos? Os que lhe dou não te bastam?

Fátima sentiu-se envergonhada, pois o tom de voz de Beatriz era acusador. Insinuava que Fátima era uma mulher sem pudores que dormia irresponsavelmente com qualquer homem. Antes que Fátima dissesse algo José saiu ao ouvir a conversa na frente de sua casa e disse:

- Bom dia senhorita Beatriz. Que alegria em vê-la. Terminarei seu último pedido hoje a tarde. Estive ocupado esses dias, mas ainda estou no prazo.

- Vejo bem que esteve ocupado, disse Beatriz olhando para Fátima.

- Sim, me ocupei de Fátima. Casamo-nos ontem. Ainda que tenhamos planejado tudo com antecedência, há coisas que só podemos resolver no dia.

- Casaram-se? Ela está grávida ou o que?

- Não senhora. Estamos namorando há um bom tempo e há um ano, mais ou menos, ficamos noivos e nossas famílias se uniram para planejar tudo. Ontem recebemos as bênçãos do santo padre.

- Estive na missa ontem e nada vi.

- O padre que nos casou foi o mesmo que casou meus pais e depois meu pai com minha madrasta. Nós o conhecemos há anos. A igreja fica próxima a casa de meus pais.

O rosto de Beatriz ficou vermelho. O ódio era quase visível.

- Bom, então voltarei mais tarde. Se não estiver pronto cancelarei o pedido. Fátima não se atrase. Muitas moças gostariam de ocupar seu lugar.

Após dizer isso subiu na charrete e foi embora. José e Fátima ficaram se olhando tentando entender a cena, até que José disse:

- Melhor você ir para não atrasar-se. Assim que nossa vida estiver tranquila não precisará mais de trabalhar. Vá, sua mãe precisa de você para ajudá-la.

Fátima seguiu a passos largos para não se atrasar e José entregou-se as encomendas para não perder o serviço e a clientela. Assim que chegou a mansão deparou-se com Jonas, o mordomo a esperando na cozinha. Quando entrou ele disse:

- Senhorita Fátima a senhorita Beatriz disse que não podemos tolerar atrasos por parte dos empregados, pois isso atrasa tudo e coloca a casa em desarmonia. Ela pediu para lembrar-lhe que seu horário e de seus pais aqui na casa é de sete horas. Os senhores precisam chegar antes da família acordar. É exigência da mãe dela que a mesa e a primeira refeição estejam prontas quando todos acordarem as sete e trinta. Tenham um bom dia.

Ilma olhava para Jonas sem entender o motivo de tal aviso. Eles nunca se atrasaram ou atrasaram as refeições. Faziam o mesmo serviço há anos. Fátima adiantou-se e falou:

- Mamãe, quando eu estava saindo de casa hoje de manhã a senhorita Beatriz chegou a nossa casa. Quando me viu parecia ter visto um monstro. Encheu-me de perguntas. Quando ia respondê-las José saiu e esclareceu as coisas para ela sobre estarmos casados. Ela parecia indignada com o que ele falava e ameaçou-me: caso eu me atrasasse ou ele com as encomendas a família toda sofreria as consequências. Não entendi nada. Por que ela ficou assim? Antes mal direcionava o olhar para mim, agora parece estar me vigiando.

Diante de sua experiência de vida Ilma respondeu:

- Filha, a senhorita Beatriz parece estar com ciúmes. Não sei o motivo, mas melhor não provoca-la. Precisamos do emprego. Vocês porque estão começando e seu pai e eu porque estamos velhos para arrumar um novo emprego.

Após isso cada qual seguiu fazendo as suas tarefas.

O dia foi passando, Ana Clara começava a alfabetizar Mariana, então deixou-lhe algumas tarefas de escrita e foi levar um café e um pedaço de bolo para Pedro. Entrou silenciosamente, colocou as coisas sobre uma mesinha e disse:

- Meu marido, trouxe-lhe algo para comer. Trabalhou muito esses dias e deve estar com fome. Enquanto preparo o almoço resolvi trazer-lhe algo para comer.

Pedro largou o que fazia, olhou para Ana Clara e disse:

- Por que não me contou isso antes? Eu era um homem viúvo, já tinha experiência de vida, com um filho grande. Acha que não entenderia? Em nossa primeira noite percebi que você não era mais uma moça, mas te amava tanto que não a questionei. Esperei todos esses anos que me contasse o que aconteceu. Agora olho para Mariana e me sinto mal. Amo-a demais, mas que certeza tenho de que seja minha filha?

Enquanto Pedro falava as lágrimas corriam pela face de Ana Clara.

- Por amor a Deus não duvide de sua paternidade. Mariana parece muito com você. Faça as contas entre o dia de nosso casamento e o nascimento dela. Não contei nada porque esperava o momento certo, mas nunca o encontrei. Fui tão feliz desde o dia que nos conhecemos e não queria destruir isso com meu passado. As coisas que lhe contei sobre meu antigo namorado aconteceu seis meses antes de conhecê-lo. Depois que me deixou sem um centavo e destruir minha mocidade ele desapareceu. Por favor, me perdoe se errei com você, mas se o fiz foi por amar vocês demais. Sinto-me mãe do José e como tivesse começado no dia em que eu o conheci. Confie em mim: Mariana é sua filha.

Pedro colocou as mãos no rosto como que tentando apagar tudo que escutara nos dois dias e decidiu:

- Sua tia parece ter uma inveja infinita de sua mãe e transferiu para você. Ela esperou e escolheu o momento certo para gerar desconfiança e desavença em nossas vidas. Ela deveria ter dito essas coisas antes. Pensando bem nos conhecemos seis meses antes de nos casarmos e Mariana nasceu quase dez meses depois. Realmente ela é nossa filha. Só gostaria que me contasse sobre sua vida porque se algum dia alguém lançar novas dúvidas sobre sua moral eu posso defendê-la. Quando olho para você lembro-me da primeira vez que a vi e porquê apaixonei-me. E a amo e não quero que nos abandone.

Dito isso Pedro abraçou e beijou Ana Clara com o mesmo carinho de quando se casaram.

Os dias foram passando e Beatriz cada vez mais arrogante e grosseira com José, Fátima e a família dela. Fátima dizia a si mesmo:

- Se José não precisasse de meu dinheiro largaria o emprego e meus pais teriam paz. Não sei por que a senhorita Beatriz me odeia tanto. Nunca percebeu minha presença, mas ultimamente me odeia profundamente.

Um dia Beatriz Entrou na cozinha e encontrou Fátima trabalhando sozinha, a mãe havia saído para buscar temperos e legumes frescos para o almoço. Nesse momento foi como uma fera para o lado da empregada:

- Nunca gostei de você desde a primeira vez que a vi. Pedi a meus pais que não contratassem sua família, mas recomendaram seus pais e viram em vocês mais mão de obra qualificada por um preço menor. Sem contar que na época eu estava com dez anos e não podia opinar por ainda ser criança. Cansei de mostrar os defeitos de sua família, principalmente porque vocês são seis irmãos e apenas você e Lucia tem idade para trabalhar. Ela ficou cuidando de seus irmãos, então sobra logo você aqui, para minha infelicidade.

Fátima olhava para Beatriz assustada, sem palavras, e sentia as lágrimas verterem involuntariamente de seus olhos.

- Não pense que me engana com esse ar inocente, como faz com os demais. Sei exatamente quem você é: uma destruidora de lares. Mantenha-se longe de mim.

Depois disso foi embora. Fátima ficou chorando sem entender uma palavra sequer. Nesse momento Ilma voltou e viu a filha aos prantos, abraçou-a e perguntou:

- Filha, o que houve? Acabei de sair e você estava bem, quando volto encontro você chorando. O que aconteceu?

Mas Fátima não conseguia parar de chorar, pois um medo muito forte começou a dominar seu peito. Ilma foi correndo buscar algumas folhas e fez um chá, adocicou e entregou a filha. Minutos depois Fátima começou a se acalmar.

- Mamãe a senhorita Beatriz entrou aqui assim que a senhora saiu para a ir a horta. Disse que me odeia desde o primeiro dia que me viu e que sou destruidora de lares. De onde ela tirou isso mamãe? O José foi o primeiro homem de minha vida. Não entendo o que ela diz.

- Filha, melhor você não sair daqui agora. Descanse na dispensa. Ficarei vigiando se alguém entra, depois você vai embora. Amanhã vamos a missa e depois conversamos com o padre. Ele saberá nos orientar, pois é um homem bom e sábio. Vá descansar agora.

Fátima ajeitou-se sobre as sacas de farinha e cochilou. Mal fechou os olhos e teve um sonho horrível. Sonhou que José era casado com Beatriz. Todos moravam numa pequena aldeia. Beatriz e José tinham dois lindos filhos. Fátima chegou à aldeia com seu marido, mas não tinham filhos porque seu marido já era velho. Casaram-se por conveniência: ele para ter uma empregada e as pessoas não perturbarem ele empurrando viúvas cheias de filhos pra ele; e ela porque queria sair da pobreza e não morrer solteira. Nunca dormiram juntos. Fátima sempre desejou um marido rico e companheiro, e muitos filhos. Quando conheceu a família de José e Beatriz sentiu forte inveja dela. A partir desse momento Fátima, sem se importar com falatórios, começou a assediar José. Como José era apaixonado pela esposa não conseguia perceber o que já era óbvio para muitos. Diante disso Fátima bolou um plano: convidaria Beatriz para um piquenique com as famílias de ambas. Pensando em comover Beatriz, Fátima disse que sempre sonhou poder brincar com seus próprios filhos, mas que não podia gerar bebes. Com pena dela Beatriz aceitou. Um dia saíram num passeio e Fátima, que cozinhava muito bem, fez bolos, tortas e outras delícias, e foram ao piquenique.

Os maridos foram pescar e ela e Beatriz ficaram conversando enquanto as crianças brincavam. Num certo momento Fátima convidou Beatriz para pegar algumas frutas silvestres para fazerem doces para as crianças no dia seguinte. Ao adentrarem na mata Fátima escolheu um pedaço de madeira e golpeou Beatriz com toda a força de ódio e inveja que dispunha. Fátima prosseguiu calmante pela mata. Quando voltou, sentou-se como nada tivesse acontecido. Brincou com as crianças e serviu-lhes o que comer. Horas depois os homens chegaram e Fátima perguntou por Beatriz, e, diante da perplexidade de ambos, esclareceu que foram pegar frutas e depois separaram-se. Fátima ficou com as crianças e Beatriz iria levar algo para eles comerem. José entrou em desespero e todos começaram a procura-la até que José a encontrou morta. Embrulharam-na no pano onde sentaram-se para descansar pelo dia e os homens a levaram até a aldeia e lá a enterraram.

José ficou inconsolável. Fátima ia a casa dele com a desculpa de cuidar da casa e dos filhos dele, mas desejava ter José. Não aguentando a solidão José

entregou as crianças para Fátima e acabou com sua vida. Fátima sofreu muito, mas dedicou-se as crianças como forma de pedir perdão ao casal, pois ver o fim de José trouxe-lhe sentimentos de culpa e tristeza. Destruíu um lindo lar e não conquistou o lugar de Beatriz, o que mais desejava. As crianças passaram a ser sua vida.

Fátima acordou assustada e foi ajudar a mãe. No dia seguinte foram a missa e Fátima pôs-se a orar em favor de Beatriz e pedir-lhe perdão por seus atos no passado. Ao final da celebração Fátima e Ilma foram conversar com o padre. Fátima contou o que aconteceu no dia anterior, inclusive o sonho. O padre, com sua bondade e dedicação disse-lhe:

- Senhora Fátima, parece que ela vê na senhora uma ameaça do passado. Ela ainda não a perdoou. Acredito que a senhora está no caminho certo orando e pedindo perdão a ela. Seria melhor se a senhora se afastasse dos serviços da casa dela por um tempo, cuide de seus irmãos e deixe que sua irmã ocupe seu lugar. Nesse tempo a senhora prossiga em oração por senhorita Beatriz.

Mesmo sem gostarem da sugestão do padre, Ilma e Fátima resolveram acatar. Parecia ser o mais certo naquele momento. Chegando em casa fizeram uma reunião para falar sobre o que conversaram com o padre e a decisão tomada. Como José e Fátima dependiam do dinheiro dela, o salário de Lucia seria dividido com Fátima.

- Isso será apenas por um período. Renato e eu falaremos com o patrão e diremos que Fátima anda cansada por morar mais afastado da mansão, mas que em um mês, mais ou menos, ela volta a ajudar-me. Concordam com isso?

Todos, inclusive Lucia, aceitaram o trato. No dia seguinte, assim que os patrões terminaram o desjejum Ilma pediu para ela e Renato conversarem com eles. Deixou Lucia limpando tudo, chamou Renato e seguiram o casal para o escritório.

- Senhor Renato vim pedir-lhes um favor: nossa filha Fátima casou-se há uns seis meses e está morando na vila. Todos os dias chega cansada porque ainda não acostumou-se com a distância. O marido dela, o José sapateiro, disse que irá fazer uma pequena carroça e comprar um cavalo para ela vir trabalhar e não cansar-se tanto. Nesse período ela ficará cuidando de meus filhos, pois não precisa pressa para chegar, e Lucia irá ajudar-me na cozinha. Vim pedir-lhes permissão para isso.

Renato ajeitou-se na cadeira, coçou a cabeça e disse:

- Pensei que a senhora ia me pedir algo mais sério. Um cavalo ou algo assim, mas o que me pede não irá mudar em nada a rotina da casa, espero. Até porque Lucia precisa entender a rotina da casa. Se sua filha Fátima casou-se é provável que tenha filhos, então ira ausentar-se por uns dias depois que os bebês nascerem. Gostaria de parabenizá-los pela união do casal. Espero que sejam felizes, pois formam um belo casal. Se precisarem de alguma coisa é só avisar. Diga a José que posso vender-lhe um de meus cavalos mais velhos por um bom

preço e que poderá pagar um valor simbólico por mês. Gosto dos meninos e quero vê-los bem.

Ilma agradeceu profundamente a atenção e a generosidade dos patrões. Sabia que era sincero os sentimentos deles, pois sempre foram honestos e bondosos com seus empregados. Avisou a todos sobre a aprovação do patrão e passou o recado dele para José.

José não tinha intenção de comprar cavalo ou ter uma carroça, mas para não deixar a sogra em situação delicada, passou a construir a tal carroça com a ajuda do sogro aos domingos após a missa. A carroça beneficiaria a todos, pois Renato não precisaria mais pedir emprestado aos amigos, caso precisasse.

Capítulo VIII – A revelação

Nesse mês de afastamento de Fátima da mansão, Beatriz acalmou-se, entretanto foi à oficina de José pedir nova encomenda na intenção de provocar. Ao chegar logo fez comentários maldosos:

- Então senhor José, soube que sua esposa voltou a morar com os pais. O que aconteceu? Pensou que casamento era para qualquer uma? Obedecer ao marido, ter a casa em ordem, trabalhar fora e ficar grávida.

José olhou-a com espanto e respondeu:

- Bom dia senhorita Beatriz. Estou feliz em revê-la. Vejo que continua bem de saúde. O que disse sobre minha esposa? Fátima não voltou para a casa dos pais, apenas trocou de lugar com Lucia, irmã dela, porque estava cansada. Mês que vem tudo voltará ao normal, se Deus quiser. Diga-me a que devo o prazer de sua presença? Veio buscar sua encomenda? Prometi que estaria pronta na próxima segunda feira, mas consegui terminar antes.

O ar de felicidade do rosto de Beatriz foi desmanchando-se conforme José ia falando sobre Fátima.

- Que bom! Vim buscar a encomenda, sim. Tenho uma reunião na casa de uma de minhas amigas e quero desfilar com um novo sapato. Vejo que sua oficina esta mais organizada e o senhor com bom aspecto. Dias antes de casar parecia um ermitão ou andarilho.

- Sim, com a ajuda de Fátima tenho tido mais tempo para cuidar mais de mim e de minhas coisas. Aqui está seus sapatos, senhorita.

Diante dos elogios apaixonados de José, Beatriz pegou seus sapatos e partiu sem despedir-se. José ficou perplexo diante da ação.

Na sexta feira de tarde Beatriz arrumou-se, colocou os sapatos novos e, olhando no espelho, tentava entender porque José achava Fátima mais atraente que ela. Ela era rica, bem vestida e cuidada, usava os perfumes e roupas caras e Fátima era uma empregada pobre. Ao final pegou sua sombrinha, ajeitou o chapéu e saiu.

Ao chegar á casa da amiga fez questão de ser notada por todos com gestos estudados sem parar de falar, fruto do nervoso que passou pela manhã na oficina de José. O mordomo a conduziu a sala de jantar, onde algumas pessoas aguardavam em quase silencio. Às vezes alguém falava ou fazia uma pergunta em voz baixa. Sua amiga, Maria, a recepcionou com um discreto sorriso, abraçou-a e pediu que sentasse numa das cadeiras ao redor da mesa.

- Sente-se aqui, ouça e depois conversamos. Você chegou um pouco atrasada e já começamos.

Beatriz não estava entendendo nada, mas obedeceu. Achou que seria mais um chá da tarde entre amigos. De repente uma mulher fez uma pergunta a um dos homens presente:

- Se realmente meu falecido marido Bernardo dê-me uma demonstração.

- Minha querida esposa, que alegria poder comunicar-me com você. Todo esse tempo estive ao seu lado tentando falar-lhe. Ainda não pude descansar porque você vive a chamar-me. Deixei você e nossos filhos bem. Eles já estão trabalhando e você pode viver bem das nossas terras. Se tiver problemas peça a eles e nosso capataz Manoel para auxiliá-la. São pessoas de bom coração, mas, por favor, deixe-me prosseguir com minha vida. Meu tempo na Terra terminou. Conclui a missão que me propus antes de voltar ao lado de nossos amigos do bem. Cuidei de você e dos nossos filhos até eles terem autonomia. Você ainda verá nossos netos crescerem. Em vez de chorar, ore por todos nós.

A senhora em questão chorava incontrolavelmente.

- Sei que sente minha falta como eu sinto a sua, mas a vida prossegue. Não posso ficar mais aqui. Cuide-se. Sempre te amarei.

Após isso o homem que ali estava abaixou a cabeça até quase tocar a mesa. Logo depois olhou no sentido de Beatriz e disse:

- Boa tarde minha filha. Sei que não me conhece, mas vou apresentar-me. Meu nome é Lourdes e trouxe você aqui a pedidos da mãe do rapaz de nome José. A senhora Sarah a reconheceu assim que a viu. Vocês todos moraram na mesma aldeia há muitos anos. A senhorita ainda não perdoou o filho dela e a atual esposa, a senhora Fátima, por coisas que aconteceram naquela época. Estamos vivendo outra época. Precisa abandonar o passado e perdoa-los. Siga com sua vida.

- Com que autoridade me diz essas coisas se não lhe conheço e o nome da mãe de José é outro.

- Senhorita Beatriz, a senhora Ana Clara é mãe de coração do senhor José. Quando ela casou-se com o pai dele, José estava com quinze anos. Ela ama e respeita a família, mas a mãe de José é Sarah. Ela está preocupada com sua saúde, pois esse ódio e revolta que a senhorita traz no coração está afetando sua saúde. És realmente muito linda e rica, mas a senhorita Fátima e o senhor José pediram para estarem juntos e auxilia-la. Eles precisam do seu amor e perdão.

Beatriz começou a chorar ao lembrar que havia pensado que era melhor José do que Fátima. Então o homem prosseguiu:

- Eles se amam, progrediram no mundo espiritual e pediram como missão conquistar seu perdão. Sua família, a sociedade ou mesmo você não aceitariam seu casamento com um simples sapateiro. Se vocês casassem acabariam infelizes porque ele não teria condições de manter seu padrão de vida e jamais aceitaria ajuda de seu pai, pois acredita que deva ser como o pai dele e viver do que ganha de seu trabalho. Por outro lado seu pai jamais daria a ele um centavo sequer por acreditar que ele casou-se por ambição e não por amor. Pense nisso, minha querida. Deixe que eles sigam com a vida deles e tenha fé em Deus, pois tudo acontecerá no tempo d'Ele, nunca no nosso.

- Eu nunca os perderei. Me traíram. Casaram-se sem me dizer nada. Eles estavam combinando tudo pelas minhas costas há mais de um ano e não me disseram nada.

Beatriz estava incontrolável e seu choro era de mágoa e ódio.

- Tenha paciência. Com o tempo verá que o casamento deles foi melhor para você. Nesse dia entenderá o que lhe disse e os perdoará. Muito obrigada por me escutar. A senhora Sarah agradece e envia-lhe muito amor e luz.

Maria foi à cozinha e voltou com um copo d'água e colocou diante de Beatriz. Em um gesto mecânico ela apanhou o copo e começou a bebericar enquanto se recompunha. A reunião prosseguiu, mas Beatriz nem se deu conta. Foi acalmando-se até recostar no espaldar da cadeira e cochilar. Tempos depois despertou com Maria chamando-lhe delicadamente. Beatriz assustou-se e então se deu conta que estava apenas as duas na sala.

- O que houve? Nossa, tive um sonho maluco.

- Não foi sonho, minha amiga. Você estava muito nervoso e depois de beber a água que lhe entreguei você cochilou. Terminamos a reunião e enquanto minha mãe acompanhou os demais eu fiquei para acordá-la. Está melhor?

- Sim, creio que sim. Melhor ir para minha casa.

- Não quer ficar para jantar?

- Não. Estou exausta e quero ir para casa e dormir. Obrigada e desculpe por tudo.

- Desculpe se a reunião não era o que você esperava. Fazemos esses encontros todas as sextas feiras as quinze horas há muito tempo. Semana passada pediram para convida-la. Tive medo que você não compreendesse, mas fiz o que pediram.

- Agradeço pela atenção Maria. Esta tudo confuso para mim. Só quero ir para casa descansar.

Maria acompanhou-a até a saída, despediram-se e Beatriz voltou para casa. Mal entrou foi direto para o quarto. Jonas acompanhou-a para informar sobre a janta. Quando percebeu a presença do mordomo se aproximando determinou:

- Jonas, estou cansada. Meu dia foi exaustivo. Vou deitar-me e gostaria que ninguém me incomodasse.

Beatriz trocou-se, deitou e dormiu imediatamente. Sonhou com uma doce senhora, de trejeitos delicados que veio a seu encontro.

- Boa noite Beatriz. Sou Sarah, mãe de José. Obrigada por escutar meu pedido. Sei que pensa que José havia planejado sua morte em encarnação anterior, mas ele era inocente. Apenas tomou consciência do que aconteceu com você quando ele e Fátima se encontraram no mundo espiritual. Ela contou-lhe tudo e pediu que a perdoasse. Ele a perdoou porque ela se mostrou uma mulher dedicada aos filhos de vocês e então decidiu ajuda-la. Seu ódio era tão grande que passou anos perdida e envolta por sua revolta. Perdoe-os e siga sua vida.

- Como fazer isso? Como perdoar se eu ainda era jovem e apaixonada por meu marido? Amava meus filhos e sonhava vê-los crescer e casarem-se.

- Também eu sonhava ver crescer sob meus cuidados e acompanhá-lo no altar, mas Deus em sua infinita bondade quis que fosse diferente.

- Deus também planejou minha morte? Que eu abandonasse meus filhos?

- Fátima amava José e seus filhos como fossem a família dela. Você passou tanto tempo odiando que não viu o que sucedeu após seu desencarne: Fátima sentiu um remorso tão grande que pesava em seu coração. Via José morrer dia-a-dia de saudades de você. Ele a amava demais. José morreu pouco tempo depois de você em completo abandono. Fátima fez de tudo em busca do perdão dele. Após a morte dele ela acolheu seus filhos e os amou como uma mãe. Por favor, perdoe-os.

Beatriz parecia ver a cena de Fátima cuidando de tudo e pedindo perdão a Deus por seu ato. Nesse momento começou a chorar até acordar aos prantos vindo a dormir na sequencia tendo lindos sonhos.

Capítulo IX – O perdão

Após um mês Fátima voltou a trabalhar na mansão. Ela e José acordavam cedo e enquanto ele arrumava a cama, ela fazia o desjejum, desfrutavam a refeição juntos e ele a levava até a mansão de carroça, voltava para casa e começava a trabalhar na oficina. À tarde Fátima sempre voltava sozinha, pois José se perdia nos trabalhos e esquecia das horas.

Nesse período de afastamento de ambas, Beatriz acalmou sua ira. Por vezes esqueceu de Fátima. Certo dia foi pedir a Ilma que preparasse um almoço especial, pois receberia um convidado, mas deparou-se com Fátima. Ilma havia saído para buscar hortaliças frescas para o almoço. Beatriz e Fátima ficaram algum tempo estáticas. Sem poder pensar numa reação possível. Foi então que Fátima se manifestou com a voz trêmula:

- Bom dia senhorita Beatriz. Deseja algo? Minha mãe está na horta em busca de coisas para o almoço.

- Bom dia Fátima, disse ainda com certa magoa em seu tom de voz. Não tem problema. Vou esperar.

Beatriz sentou-se num dos bancos que rodeavam a mesa no centro da cozinha. Essa mesa era usada pelos empregados. Fátima ficou assustada com a reação, mas nada disse. Após alguns minutos de silenciosa tensão, novamente Fátima falou:

- Senhorita, não sei o que fiz que a enfureceu. Não me recordo de haver a ofendido de alguma forma, mas se fiz algo gostaria que me perdoasse. Sempre tive grande admiração por sua beleza, simplicidade ao conversar com os empregados, já a vi brincando com algumas crianças, filhos de seus parentes ou de empregados. Julgo a senhorita uma boa sucessora de seu pai no comando da fazenda. Tem pulso firme, mas bom coração. Parece que apenas eu a incomodo de alguma forma. Novamente peço que me perdoe qualquer coisa que tenha feito.

Enquanto dizia isso, Fátima se deixava chorar, pois lembrava do sonho que teve com a moça.

- É inteligente, amável com os pais, uma boa filha e será uma ótima esposa e grande mãe. Desejo de coração que Deus sempre ilumine seu bom coração e que me perdoe.

Beatriz também principiou chorar ao lembrar das palavras que escutou na casa da amiga, Maria, e de todo ódio que sentiu por Fátima naquele momento. Sempre achava que Fátima roubava-lhe algo. Beatriz levantou-se e saiu da cozinha sentido de seu quarto. Jonas, vendo a cena, correu para a cozinha e encontrou Fátima também aos prantos.

- O que esta acontecendo aqui? O que a senhora fez com senhorita Beatriz? Vou inteirar-me com a senhorita. Aguarde! Fique certa que seu emprego e de sua família está em risco até que eu tenha uma resposta.

Ouvindo os gritos de Jonas, Ilma entrou correndo na cozinha e escutou apenas o final da frase. Fátima passou a chorar mais ainda. Além de conquistar o ódio de Beatriz, ainda causaria desemprego e desalojamento da família. Abraçou a mãe sem conseguir conter o choro.

Por seu lado Beatriz jogou-se sobre sua cama e chorou colocando seu ódio e mágoa para fora naquele momento.

Ilma soltou-se da filha e disse carinhosamente:

- Filha não sei o que aconteceu, não sei o que será de nós, mas estarei sempre a seu lado. No fogão tem um pouco de chá adoçado. Tome e descanse. Vou procurar a senhorita Beatriz e conversar antes que os pais dela voltem da vila.

Fátima atendeu ao pedido da mãe e Ilma correu para o quarto de Beatriz. Conhecia bem a moça e sabia que quando era contrariada corria para seu quarto.

Ao chegar ao andar superior deparou-se com Jonas no corredor, diante do quarto da jovem, sem saber o que fazer.

- Jonas, não é bom que entre no quarto da senhorita Beatriz na ausência de seus pais. Ela não é mais uma garotinha. Deixe que eu a acalme. Depois ela conversa com você.

Sem argumentos, Jonas aceitou e saiu do local desconcertado. Ilma entrou lentamente no quarto, pois a porta estava aberta. Parou ao lado da cama e, pedindo ajuda a Deus para encontrar as melhores palavras para acalmar a moça, começou a falar:

- Senhorita Beatriz o que aconteceu? Minha filha a ofendeu? O que a fez chorar? Por favor, estamos preocupados com sua reação.

Beatriz diminuiu o choro. Vendo isso Ilma retomou:

- Minha filha é tão jovem quanto a senhorita, mas muito simples. Ela não conhece pessoas ou lugares longe daqui como a senhorita. Não tem vossa educação, nem sabe ler e escrever. Portanto se ela fez algo errado perdoe-a.

Beatriz sentou-se na cama e entre soluções disse:

- Dona Ilma a Fátima nada fez. Sempre tive a impressão de que ela me roubava algo, mas quando conferia minhas coisas nada me faltava. De uns tempos para cá vinha sentindo um ódio dela. Uma coisa inexplicável, mas ela nunca me fez nada. Um dia fui a casa de uma amiga para um grupo de orações. Durante as orações eu via Fátima roubar o José de mim, mas José nunca foi meu. Disseram-me, nessa reunião, que em vidas anteriores Fátima o roubou de mim e que eu

deveria perdoá-la por ter sido num passado distante. Que nessa vida José e eu somos de classes sociais diferentes e jamais viveríamos bem se nos casássemos. Há pouco fui procurar a senhora. Pedir-lhe que faça um almoço especial para um convidado. A senhora não estava e Fátima começou a falar comigo. Pedir-me perdão sem saber o motivo. Disse-me palavras lindas e então vi o rosto dela irradiar uma luz intensa. As palavras dela foram me envolvendo, abraçando e senti todo o ódio e mágoa que sentia por ela saindo de meu coração. Fui capaz de compreender que às vezes, quando odiamos uma pessoa sem um razão real, é porque trazemos esse ódio e mágoa de um passado remoto e que não devemos guardar isso no coração.

Nesse momento Beatriz levantou-se, abraçou Ilma e começou a chorar pedindo que ela a perdoasse por haver pedido várias vezes ao pai que os demitissem. Sentia-se feliz pelo pai não o ter feito. Após alguns minutos Beatriz agradeceu Ilma pelo carinho e compreensão, sorriu e pediu o almoço especial, pois se tratava de um jovem pretendente que havia acabado de conhecer.

Ilma agradeceu a jovem patroa pela confiança depositada ao contar coisas particulares e desceu. Encontrou Jonas no caminho e disse:

- Senhorita Beatriz tem um convidado especial. Vou começar o almoço e ela vai preparar-se para esse momento importante para ela. Ela esta calma. Melhor deixar que ela fale com os pais. Se fosse para nos demitir ela teria descido e dado às ordens. Mesmo que ela o peça, antes farei minhas obrigações. Com sua licença, senhor Jonas.

Ilma entrou na cozinha e encontrou a filha triste olhando pensativa para a xícara de chá. Ao vê-la deu um salto do banco e foi a seu encontro:

- Então, mamãe, o que ela disse?

- Ela pediu perdão a mim sobre tudo que sempre pensou e todas as grosserias contra você. Não sei o que disse a ela, mas ela falou que tudo de negativo que sentia contra você desapareceu, por isso chorou.

- Também não lembro o que disse mamãe, mas fico feliz que ela tenha me perdoado. Quando ela entrou aqui, agora de manhã, não sabia o que fazer ou dizer com medo que ela reagisse mal novamente. Pedi a Deus que me ajudasse e, de repente, comecei a pedir perdão a ela. Foram as palavras que saiam de meu coração. Não me contive e comecei a chorar de alegria por dizer aquilo tudo. Parecia que trazia uma tristeza de muitos anos e precisava do perdão dela.

- Interessante dizer-me isso, filha. Ela disse que foi a um grupo de orações e lá ela começou a perceber o motivo de seu ódio contra você. Disse que há muito tempo atrás você e ela tiveram um desentendimento em outra vida e ela não conseguia perdoar você, mas diante de suas palavras conseguiu libertar-se do rancor.

Ilma e Fátima abraçaram-se, choraram de alegria. Não entendiam bem o que aquilo tudo significava, mas o importante era a paz reinando entre todos. Após alguns minutos Ilma disse a filha:

- Vamos fazer o melhor almoço que essa casa já teve. Senhorita Beatriz convidou um jovem para almoçar aqui. Um pretendente. Vamos nos vestir bem e caprichar para que ela mostre que sabe cuidar de uma casa e seus empregados.

Capítulo X – Ana Clara

Dias depois do ocorrido Beatriz passou a aproximar-se de Fátima e frequentar as reuniões na casa de sua amiga Maria. Ali recebeu muitos ensinamentos dos amigos da espiritualidade. Um dia um dos participantes disse ter recebido uma mensagem de sua mentora e deveria repassa-la a Beatriz:

“Senhorita Beatriz passaste muitos momentos de dor e angústia após a sua morte. Desejava voltar para sua família. Sua presença constante minava as energias de seu marido levando-o ao desespero e tristeza. Diante disso ele foi morrendo lentamente. Como a senhora Fátima tirou seus filhos dali eles cresceram, estudaram e tornaram-se bons adultos. Ela os amou e educou como fossem dela. Muitas vezes os abraçou e chorou sentidamente pelo que fez a senhora e seu marido. O arrependimento dela, os cuidados do próprio marido e o acolhimento dos menores ajudou muito. Seus filhos e seu marido souberam de tudo quando se encontrou no mundo espiritual porque ela contou-lhes. Arrependida por seu ato e com a inesperada consequência sobre você, ela pediu que eles a ajudassem com a senhorita. Senhor José aceitou de pronto, mas queria estar ao lado dela, pois o pouco tempo que estiveram juntos fez com que ele desenvolvesse por senhora Fátima um grande amor. Aqueles que foram seus filhos hoje apoiam a senhorita como vossos pais”

Essa mensagem me foi entregue há muitos anos. Eu ainda não a conhecia. Foi feita uma ressalva sobre ela: que eu entregaria somente quando ele o permitisse. Diante de sua mudança, sua busca pelo progresso, permitiram que entregasse. A senhorita está de parabéns. Algumas pessoas levam anos, as vezes séculos, para perdoar e seguir com sua vida. Em tão pouco tempo vem se esforçando para aproximar-se e perdoar a senhora Fátima.

- Sim, senhor. Sempre que posso fico conversando com ela. Temos mais ou menos a mesma idade e ela gosta de escutar sobre minhas viagens. É uma boa pessoa. Não posso afirmar que a perdoei, pois as vezes ainda sinto uma pequena tristeza quando me aproximo, mas a bondade e a delicadeza de suas palavras de

amor. O carinho e atenção que me dedica me cativam e faz esquecer o ocorrido. Obrigada pela mensagem.

- Uma última palavra de nossos amigos: o rapaz que escolheste já foi vosso companheiro no passado. O plano superior auxiliou muito os senhores em sua missão. O casamento trarão duas lindas crianças, mas uma delas precisará de muita atenção e carinho até os últimos dias da vida da senhorita e seu marido. Tenha fé e confiança que tudo sairá conforme combinado antes do reencarne.

Beatriz saiu feliz com a notícia. Como se em seu coração sempre soubesse que casaria com Carlos e que teriam filhos maravilhosos.

Ao final de semana José resolveu descansar da oficina e ir ver os pais e a Mariana. Não se aguentava de saudades, mas tinha cada vez mais encomendas. Junto com Fátima foi logo cedo para a vila onde eles moravam.

Quando chegaram assustaram-se com a cena que encontraram: serviços abandonados na oficina, o pai barbudo, Ana Clara com as roupas simples e descuidada com a aparência geral, inclusive Mariana. Numa tristeza de assustar. Ao vê-lo, Mariana abriu um vasto sorriso e pulou em seus braços:

- José, meu irmão querido!!!! Quanta alegria em vê-lo! Sinto muito sua falta, alias todos nós sentimos. A casa nunca mais foi a mesma depois de seu casamento.

Quando escutaram os gritos de alegria de Mariana ambos correram para ver do que se tratava. Ana Clara abraçou-o e começou a chorar, depois abraçou Fátima como se o casal fosse ajuda-los de alguma forma. Pedro abraçou o filho e não conseguia largar mais. José, após alguns minutos, foi quem quebrou o silencio estranho:

- Pai, Ana Clara, o que esta acontecendo? Não os reconheço. Essa casa sempre foi cheia de alegria e vida. Mesmo depois da morte de mamãe conseguimos manter tudo em ordem. A vinda de Ana Clara, e depois de Mariana, só fez aumentar a alegria e o colorido da casa.

Ana Clara não sabia o que dizer, apenas chorava. Pedro abaixou a cabeça sem conseguir dizer nada, foi então que Mariana disse:

- Depois de seu casamento papai e mamãe brigaram por alguma coisa que aquela mulher horrível disse. Estão dormindo separados. Mamãe esta dormindo onde era o seu quarto. Conversaram depois disso, mas parece que papai não entende o que mamãe fala.

- José, meu filho – disse Ana Clara – Fátima sabe que não sou sua mãe?

- Claro que sabia. Não havia falado nada a ela até o casamento porque é algo que não tinha importância. A senhora cuidou de mim com tanto amor e dedicação que a tenho como minha mãe. Amo-a e respeito tanto quanto minha mãe

Sarah. Com o passar do tempo fui contando minha vida a Fátima e ela admira muito a senhora por isso. Poucas mulheres tratam os filhos de outra mulher com o mesmo amor que seus filhos. Mesmo depois do nascimento de Mariana você continuou a me tratar como um filho. A família de Fátima sabe e também te admira. Mas que é essa mulher horrível e o que ela disse? Vou lá tomar providências. Ela não pode destruir um casamento lindo como o de vocês. Me inspiro em vocês para conduzir meu casamento.

Nesse momento Fátima interrompeu e com delicadeza:

- José e eu passamos por momentos difíceis esses meses, por isso não viemos. A filha de nossos patrões, a senhorita Beatriz, estava com um ódio injustificado de mim. Ela começou a ir numa reunião de orações, ao qual não imagino do que se trata, mas aprendeu lindas coisas e tem me ensinado. Principalmente coisas sobre o evangelho, mas numa interpretação mais simples. A coisa mais linda que ela vem me ensinando é o amor incondicional e o perdão. Quem é essa mulher, o que ela disse e porque disse não importa. O importante é que os senhores casaram por amor. O mesmo amor que dedicaram a José e Mariana. Conheci os senhores num clima de tanta paz e harmonia que era digno de histórias infantis. Não direi que os invejei, mas desejei de coração que meu casamento fosse igual. Aprendi junto com a senhorita Beatriz que o passado deve ficar no passado. Não temos como modifica-lo. Qualquer que sejam nossos erros, ou os erros da pessoa com quem estamos, não pode ser maior que nosso amor. Se amamos, perdoamos.

Pedro pôs-se a chorar, dessa vez de vergonha. Abraçou Ana Clara e pediu-lhe novamente perdão. Nem ele entendia porque desconfiava dela. E mais: que importância tinha o passado da mulher que ali estava se amou desde o primeiro dia que a viu? Ela já havia sofrido muito, encontrou a paz em sua casa, retribuiu com carinho e dedicação. Não merecia suas atitudes infantis. Beijou diversas vezes a face da esposa amada enquanto pedia perdão. Ana Clara voltou a sorrir e seu rosto se iluminou.

Desejando chorar, mas tentando manter-se firme, José perguntou:

- Vamos à missa ou não? Viajamos cedo para chegar a tempo e estou com saudades do sermão de nosso querido padre João.

- Desculpe, filho, mas nos deixamos levar pela tristeza e dor de tal forma que não vamos a missa faz muito tempo. Vou colocar meu melhor vestido, arrumar Mariana e seu pai e vamos com vocês, certo meu marido?

- Certamente minha amada. Vamos sim. Não podemos decepciona-lo, meu filho. Esperem que iremos acompanhá-los.

Capítulo XI – Encerramento

Ana Clara e Pedro retomaram a rotina e foram brindados com um novo herdeiro. Um presente de Deus recebido com muito amor por todos. Felipe veio para provar que Pedro podia ainda ser pai. Era muito parecido com Mariana, apagando assim toda dúvida que pudesse assombrar aquele relacionamento abençoado. Pedro percebeu que a sua amada Ana Clara também o amava com a mesma intensidade desde que se conheceram.

Fátima demorou a engravidar e teve alguns abortos espontâneos, então José pediu que ela deixasse o emprego acreditando que o repouso seria o melhor. Foi uma gravidez difícil e com riscos. Fátima passava mais horas em repouso do que gostaria, enfim nasceu uma linda menina que deram o nome de Sarah, em homenagem a mãe de José.

Beatriz auxiliou o casal como pode, mimando a menina com presentes e carinho, ao que ela e Carlos, seu noivo, fossem padrinhos, pois já estavam de casamento marcado para meses depois.

Lucia passou a ocupar o lugar de Fátima mostrando-se uma excelente ajudante. Às vezes superando a mãe nos pratos que se propunha a fazer. Vendo o potencial da moça, os patrões resolveram investir na jovem enviando-a para a capital com ideias de abrir um restaurante e deixar a fazenda para Beatriz e Carlos pouco depois do casamento deles. Renato havia observado que ambos tinham jeito e administravam tudo com sabedoria, carinho e dedicação.

FIM